



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

TÁRCIA RITA DAVOGLIO

Tese de Doutorado

**INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DE TRAÇOS DE PERSONALIDADE
PSICOPÁTICA EM JOVENS SUL-BRASILEIROS:
EVIDÊNCIAS DE VALIDADE**

Prof. Dr. Gabriel José Chittó Gauer

Prof^ª. Dr^ª. Jandyra Maria Guimarães Fachel

Porto Alegre

Junho, 2012

TÁRCIA RITA DAVOGLIO

**Instrumentos de Avaliação de Traços de Personalidade Psicopática em Jovens
Sul-Brasileiros: Evidências de Validade**

Tese realizada no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Gabriel José Chittó Gauer

Coorientadora: Prof^a.Dr^a. Jandyra Maria Guimarães Fachel

Porto Alegre

Junho, 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D266i Davoglio, Tércia Rita

Instrumentos de avaliação de traços de personalidade psicopática em jovens sul-brasileiros: evidências de validade / Tércia Rita Davoglio. – Porto Alegre, 2012.

141 f. : il.

Tese (Doutorado) – Fac. de Psicologia, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel José Chittó Gauer.

Coorientadora: Prof^ª.Dr^ª. Jandyra Maria Guimarães Fachel.

1. Psicologia. 2. Psicopatologia. 3. Transtornos da Personalidade. 4. Inventário de Psicopatia de Hare. 5. Psicologia do Adolescente. 6. Testes Psicológicos. 7. Validade dos Testes.

I. Gauer, Gabriel José Chittó. II. Fachel, Jandyra Maria Guimarães. III. Título.

CDD 155.5

**Ficha Catalográfica por Vanessa Pinent
CRB 10/1297**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

Tárcia Rita Davoglio

**Instrumentos de Avaliação de Traços de Personalidade Psicopática em Jovens
Sul-Brasileiros: Evidências de Validade**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Gabriel José Chittó Gauer

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Presidente

Prof^ª. Dr^ª. Flávia de Lima Osório

Universidade de São Paulo – USP - Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto
Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental

Prof. Dr. Marco Antonio Pereira Teixeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Prof. Dr. Silvio José Lemos Vasconcellos

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM
Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia

AO MEU PAI,
um visionário, que sempre soube o valor da educação.

AGRADECIMENTOS

Gratidão não pode ser, simplesmente, expressa em palavras que se perdem na vastidão do mundo. **A verdadeira gratidão é interna, silenciosa, modifica as pessoas e se transforma em respeito, admiração, saudade, oração...** Há uma lista de pessoas, que me acompanharam, me ajudaram e me acolheram nesses anos de doutorado, cada uma a seu modo, por quem, para sempre, vou sentir tudo isso!

Gabriel, meu orientador;
Jandyra, minha coorientadora, minha mestre;
Professores, Funcionários e Instituições que me deram apoio e espaço, tantos
que não posso nomear;
Daniela León e equipe do NAE/UFRGS, meus parceiros;
Giovani Saavedra e Daniela, colegas do PPG em Ciências Criminais;
Prisla, Leonardo, Guinter, Grazielle, Ramiro, Marina, Deise, Bruna, Jamile,
Raphaella, Maria e outros... colegas de grupo de pesquisa;
Silvio e Roberta, companheiros de coleta, meus amigos;
Nelita e Rosane, minhas irmãs incentivadoras;
Waldemar e Thereza, pais amados, que sempre valorizam a formação dos filhos;
Marina, Rafael e Luciano, os que mais privei de atenção e companhia nessa jornada.

E, por fim, minha gratidão àqueles que, de fato, permitiram construir a tese:

“OS MENINOS DA FASE”

RESUMO

Na atualidade, a pesquisa sobre psicopatia tem dado ênfase ao desenvolvimento e validação de instrumentos de avaliação, dirigidos, inclusive, às populações jovens. Entre estes, dois já estão traduzidos/adaptados para o português do Brasil: o Inventário de Psicopatia de Hare: Versão Jovens (PCL:YV) e a Medida Interpessoal de Psicopatia (IM-P). O PCL:YV é uma escala, com 20 itens, que vem revelando estrutura fatorial composta por aspectos interpessoais, afetivos, comportamentais _modelo de três fatores_ e antissociais _modelo de quatro fatores. A IM-P, que contém 21 itens, compondo três fatores latentes, é focada, especificamente, nos aspectos interpessoais e afetivos da personalidade psicopática. Esta pesquisa, com objetivo de obter evidências de validade para esses instrumentos no contexto brasileiro, a partir de análises fatoriais, foi realizada com adolescentes sul-brasileiros, masculinos, com idades entre 13 a 19 anos, que cumpriam medida socioeducativa de privação de liberdade. O Estudo Empírico 1 apresenta os resultados para o PCL:YV, com 217 participantes. As análises fatoriais exploratórias (AFEs) revelaram que alguns itens se agruparam, nesta amostra, em fatores diferentes dos indicados nos modelos teóricos. As análises fatoriais confirmatórias (AFCs) evidenciaram índices de qualidade de ajustes satisfatórios para os modelos fatoriais de três e de quatro fatores, tanto hierárquicos quanto correlacionados, porém com índices levemente mais favoráveis para o modelo de três fatores. As diferenças teóricas e metodológicas subjacentes aos modelos foram discutidas, bem como suas implicações. O Estudo 2, realizado com 127 adolescentes, apresenta os resultados das AFEs para a IM-P, as quais revelaram suporte para o modelo estrutural de três fatores. Contudo, ao ser testado em AFCs, os índices de qualidade de ajuste sugeriram a possibilidade de melhor especificação do modelo com o acréscimo de um fator. As correlações positivas e significantes entre o PCL:YV e a IM-P e o entre a IM-P e o Fator 1 do PCL:YV deram sustentação adicional à validade dos instrumentos. As evidências obtidas, apesar de substanciais, são incipientes, demandando pela continuidade dos estudos de validação, contemplando, com novas amostras, a diversidade de subgrupos adolescentes existentes no país. Além disso, constatou-se que as diferenças metodológicas na condução das análises fatoriais, o rigor

técnico na aplicação dos instrumentos e o uso apropriado dos resultados permanecem sendo preocupações emergentes da pesquisa envolvendo traços de psicopatia em jovens.

Palavras chave: personalidade, psicopatia, adolescentes, PCL:YV, IM-P, estrutura fatorial

Classificação CNPq

- Grande área: 7.00.00.00-0 (Ciências Humanas)
- Área do conhecimento: 7.07.00.00-1 (Psicologia)
 - Subáreas:
 - 7.07.10.00-8 (Fundamentos e Medidas em Psicologia)
Especialidade: 7.07.01.03-2 (Construção e validade de testes, escalas e outras medidas psicológicas)
 - 7.07.07.00-6 (Psicologia do Desenvolvimento Humano)
Especialidade: 7.07.07.02-2 (Desenvolvimento social e da personalidade)
 - 7.07.10.00-7 (Tratamento e prevenção psicológica)
Especialidade: 7.07.10.04-0 (Desvio da Conduta)

ABSTRACT

Nowadays, the research about psychology has highlighted the development and the validation of the assessment instruments, aimed to the young population. Among them, two have already been translated/adapted to Portuguese in Brazil: Hare Psychopathy Checklist: Youth Version (PCL:YV) and the Interpersonal Measure of Psychopathy (IM-P). PCL:YV is a scale, with 20 items, that has unveiled the factorial structure, comprising of interpersonal, emotional and behavioral aspects_ three factor model _and antisocial_ four factor model. IM-P, which has 21 items, is made up by three latent factors, specifically focused on interpersonal and emotional aspects of the psychopathic personality. The research aimed to find out the evidences that may validate the former instruments in the Brazilian context, through the factorial analyzes. It was carried out with adolescents from the South of Brazil, male, from 13 to 19 years old, who attended social educational terms deprived from freedom. In the Empirical Research 1, it was observed the following results to PCL:YV, with 217 participants. The exploratory factorial analyses (EFAs) showed that some of the items were joined in this sample, whose factors were different from the theoretical models. Confirmatory factor analysis (CFAs) demonstrated the quality rates of the satisfactory adjustments to the three and four factorial models, both hierarchal and correlated, however the rates are slightly more favorable to the three factorial model. The subjacent empirical and methodological differences, associated to the models, were discussed as well as their implications. In the Research 2, in which participated 127 adolescents, it was observed that the AFEs results to IM-P can be considered a support to the three factor structural model. Though, the quality rates of the adjustment suggests the possibility of a better specification to the model that already exists, by adding a factor. The positive and meaningful correlations between PCL:YV and IM-P as well as between IM-P and Factor 1 of PCL:YV were the basis to the additional validation of the instruments. The evidences, even though were substantial, they were, at the same time, incipient, and require continuity of the validation studies, considering, with the new samples, the diversity of the subgroups of adolescents that there are in the country. Apart from that, it was perceived that the methodological differences in the conduction and the outcomes of the factorial analysis, the technical accuracy in the application of the instruments and the appropriate use of

the results still need to be highlighted, since it is related to the adolescents' psychopathy traits.

Keywords: personality, psychopathy, adolescents, PCL:YV, IM-P, factorial structure

APRESENTAÇÃO

Na atualidade, as pesquisas evidenciam que a psicopatia, ou personalidade psicopática, pode ser vista como um construto dimensional representado pela presença, em algum grau, dos principais traços do transtorno. Entre estes, destacam-se características interpessoais e afetivas, tais como, ausência de remorso e empatia, grandiosidade e insensibilidade; um estilo de vida tipicamente voltado para a busca de estimulação, atos impulsivos e ausência de objetivos; e, para alguns pesquisadores, há ainda a presença de características antissociais, que podem incluir desde dificuldades no controle da raiva até problemas criminais. Nesse contexto, o avanço e o refinamento das descrições clínicas da personalidade psicopática apoiam-se, fortemente, em evidências empíricas associadas ao desenvolvimento e à utilização de instrumentos psicométricos na pesquisa e investigação desses traços, incluindo, também populações jovens.

No entanto, qualquer instrumento de avaliação psicológica que pretenda ter sua validade reconhecida e seu uso recomendado pela legislação vigente, deve passar por um processo consistente de produção de evidências de validade para o contexto em que será utilizado. A validade atribuída aos instrumentos de avaliação diz respeito ao grau em que a evidenciação empírica e a teoria se associam para dar sustentação às interpretações dos escores dos testes. A evidenciação de validade consiste, então, em um pré-requisito para a utilização confiável dos instrumentos em contextos similares ou diferentes daqueles em que foram desenvolvidos ou testados originalmente. Adequando-se a essa perspectiva, no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia, desde o início dos anos 2000, normatiza sistematicamente os procedimentos de validade aplicados aos instrumentos de avaliação psicológica para uso exclusivo dos psicólogos.

Esta tese de doutorado propõe-se, assim, a apresentar evidências de validade, para dois instrumentos de avaliação da personalidade psicopática, no contexto sul-brasileiro: o Inventário de Psicopatia de Hare: Versão Jovens (PCL:YV) e a Medida Interpessoal de Psicopatia (IM-P). Para tanto foram utilizados dados coletados em estudos prévios realizados com amostras de adolescentes masculinos, em situação de conflito com a lei, submetidos às medidas socioeducativas de privação de liberdade, previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. O estudo integra a pesquisa sobre a validação do PCL:YV, em andamento no grupo de pesquisa Avaliação e Intervenção em

Saúde Mental, do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, contando com o apoio da CAPES e CNPq.

A tese apresenta, além do projeto de pesquisa com a revisão dos pressupostos teórico que o fundamenta, os resultados dos estudos empíricos 1 e 2. A ênfase destes estudos recai sobre as análises fatoriais exploratórias e confirmatórias do PCL:YV e da IM-P.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS, FIGURAS E TABELAS	15
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	17
I - PROJETO DE PESQUISA DA TESE DE DOUTORADO.....	19
INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DE TRAÇOS DE PERSONALIDADE PSICOPÁTICA EM JOVENS SUL-BRASILEIROS: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE.....	20
REVISÃO TEÓRICA.....	24
Fundamentação Teórica da Análise Fatorial Exploratória e Confirmatória..	24
Desenvolvimento e Pesquisa dos Modelos Fatoriais para as Escalas Hare....	33
OBJETIVOS.....	43
MÉTODO.....	44
Amostra.....	44
Instrumentos.....	45
Procedimentos para Coleta dos Dados.....	46
Procedimentos para Análise dos Dados.....	47
PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	48
II – ARTIGOS EMPÍRICOS.....	50
ARTIGO EMPÍRICO 1 - ESTRUTURA FATORIAL DO INVENTÁRIO DE PSICOPATIA DE HARE: VERSÃO JOVENS (PCL:YV) EM AMOSTRA SUL-BRASILEIRA - ESTUDO PRELIMINAR.....	51
Modelos Estruturais de Análise Fatorial para as Escalas Hare.....	52
MÉTODO.....	60
Participantes.....	60
Materiais e Procedimentos.....	61
RESULTADOS.....	63
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICE 1- Resultados AFC para o PCL-R em Amostra Brasileira.....	88

APÊNDICE 2 - Resultados das Cargas Fatoriais para os Modelos de AFE do PCL:YV na Amostra Sul-Brasileira.....	89
ARTIGO EMPÍRICO 2 - TESTANDO A ESTRUTURA FATORIAL DA MEDIDA INTERPESSOAL DE PSICOPATIA EM ADOLESCENTES SUL-BRASILEIROS.....	91
MÉTODO.....	95
Participantes.....	95
Materiais e Procedimentos.....	95
RESULTADOS.....	98
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS.....	111
APÊNDICE 1- Resultados da AFE4 para a IM-P.....	116
APÊNDICE 2- Medida Interpessoal de Psicopatia (IM-P).....	117
III – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
IV – REFERÊNCIAS.....	122
V – ANEXOS.....	128
ANEXO A - Aprovação do Projeto de Doutorado pela Comissão Científica do PPGP/PUCRS.....	129
ANEXO B - Aprovações do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS.....	130
ANEXO C - Aprovações da Comissão Científica do PPGP/PUCRS para os estudos prévios que forneceram os dados.....	133
ANEXO D - Autorização da MHS para o uso do PCL:YV.....	135
ANEXO E - Autorização para coleta de dados.....	137
ANEXO F - Publicações e participações em eventos científicos sobre a temática da tese.....	138

LISTA DE QUADROS, FIGURAS E TABELAS

I - PROJETO DE PESQUISA DA TESE DE DOUTORADO

Quadro 1 - Comparativo das versões do PCL, PCL-R e PCL:YV.....	34
Figura 1 - Exemplo de diagrama de caminho	27
Figura 2 - Diagrama de caminho ilustrativo do modelo fatorial de dois fatores para as Escalas Hare.....	36
Figura 3 - Diagrama de caminho ilustrativo do modelo hierárquico de três fatores	37
Figura 4 - Diagrama de caminho ilustrativo do modelo hierárquico de três fatores modificado.....	39
Figura 5 - Diagrama de caminho ilustrativo do modelo correlacionado de três fatores.....	40
Figura 6 - Diagrama de caminho ilustrativo do modelo correlacionado de quatro fatores	42

II – ESTUDOS EMPÍRICOS

ESTUDO 1 - Estrutura fatorial do Inventário de Psicopatia de Hare: Versão Jovens (PCL:YV) em amostra sul-brasileira: Estudo preliminar

Quadro 1 - Estudos de análise fatorial confirmatória utilizando o PCL:YV.....	56
Figura 1 - Modelo AFC1, contendo quatro fatores e todos os itens da escala, originado da AFE na amostra sul-brasileira.....	68
Figura 2 - Modelo AFC2, com quatro fatores, excluindo itens 11 e 17, baseada na AFE norte-americana.....	69
Figura 3 - Modelo AFC3, com três fatores, baseada na AFE norte-americana.....	70
Figura 4 - Modelo AFC4, com quatro fatores correlacionados, reproduz ao modelo teórico-estrutural para as Escalas Hare.....	71
Figura 5 - Modelo AFC5, três fatores correlacionados, reproduzindo o modelo teórico-estrutural para as Escalas Hare.....	72

Figura 6 - Modelo AFC6, reproduz o modelo teórico estrutural hierárquico modificado, de segunda ordem, com quatro fatores.....	73
Figura 7 – Modelo AFC7, reproduz o hierárquico modificado, de segunda ordem, com três fatores, baseado no modelo teórico estrutural.....	74
Tabela 1 - Modelos fatoriais teóricos para as Escalas Hare.....	55
Tabela 2 - Itens PCL:YV, médias e desvios padrões para a amostra sul-brasileira.....	63
Tabela 3 - Resultados das Análises Fatoriais Exploratórias do PCL:YV na amostra sul-brasileira.....	64
Tabela 4 - Resultados dos índices de qualidade de ajuste das AFCs realizadas com o PCL:YV na amostra de adolescentes sul-brasileiros.....	66

ESTUDO 2 - Testando a estrutura fatorial da Medida Interpessoal de Psicopatia com adolescentes sul-brasileiros

Figura 1 - Diagrama de caminho do modelo AFC5 para a IM-P.....	103
Tabela 1 - Modelo estrutural de três fatores para a IM-P.....	94
Tabela 2- Análise fatorial exploratória da IM-P na amostra de adolescentes sul-brasileiros.....	99
Tabela 3 - Resultados exploratórios do modelo AFE5, com quatro fatores.....	100
Tabela 4 - Índices de qualidade de ajuste dos modelos testados em AFCs.....	102
Tabela 5 - Correlações entre escores fatoriais dos modelos testados com a IM-P e PCL:YV na amostra de adolescentes sul-brasileiros.....	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AF – Análise Fatorial
- AFC – Análise Fatorial Confirmatória
- AFE – Análise Fatorial Exploratória
- APA – Associação Psiquiátrica Americana
- CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CEP – Comitê de Ética em Pesquisa
- CFI – Índice de Ajuste Comparativo (*Comparative Fit Index*)
- CFP – Conselho Federal de Psicologia
- CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- DP – Desvio Padrão
- FASE – Fundação de Assistência Socioeducativa
- IM-P – Medida Interpessoal de Psicopatia (*Interpersonal Measure of Psychopathy*)
- KMO – *Kaiser-Meyer-Olkin*
- MHS – *Multi-Health Systems*
- ML - Máxima Verossimilhança
- NAE – Núcleo de Assessoria Estatística
- PAF – Método de Fator Principal (*Principal Axis Factoring*)
- PCA – Análise de Componentes Principais (Principal Components Analysis)
- PCL – Inventário de Psicopatia de Hare (*Hare Psychopathy Checklist*)
- PCL:SV – Inventário de Psicopatia de Hare: Versão Rastreamento (*Hare Psychopathy Checklist: Screening Version*)
- PCL:YV – Inventário de Psicopatia de Hare: Versão Jovens (*Hare Psychopathy Checklist: Youth Version*)
- PCL-R – Inventário de Psicopatia de Hare-Revisado (*Hare Psychopathy Checklist-Revised*)
- PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
- RMSEA – Raiz Quadrada Média do Erro de Aproximação (*Root Mean Square Error of Approximation*)
- SEM – Modelos de Equação Estrutural (*Structural Equation Models*)
- SPSS – *Statistical Package for the Social Sciences*

SRMR – Raiz Quadrada Média Residual (*Standardized Root Mean Square Residual*)

TLI – Índice de Tucker-Lewis (*Tucker-Lewis Index*)

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

WLSMV – Mínimos Quadrados Ponderados Robustos (*Mean and Variance Adjusted Weighted Least Squares*)

I - PROJETO DE PESQUISA DA TESE DE DOUTORADO

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DE TRAÇOS DE PERSONALIDADE PSICOPÁTICA EM JOVENS SUL-BRASILEIROS: EVIDÊNCIAS DE VALIDADE

A psicopatia (ou personalidade psicopática) é um transtorno de personalidade que envolve tanto características comportamentais desviantes quanto aspectos afetivos e relacionais, cuja etiologia e desenvolvimento ainda não são totalmente conhecidos. Sua essência se manifesta, especialmente, nas relações interpessoais e afetivas pela ausência de empatia, culpa ou remorso, grandiosidade, manipulações e mentiras recorrentes, dificuldades em aceitar responsabilidade e uma gama de comportamentos eticamente incorretos e antissociais que não são, necessariamente, criminosos (Hare & Neumann, 2008). A literatura emergente aponta evidências que sugerem validade de construto similar para o transtorno em adolescentes (Forth, Kosson, & Hare, 2003; Frick & Marsee, 2006; Neumann, Kosson, Forth, & Hare, 2006; Salekin, Rosenbaum, Lee, & Lester, 2009).

Apesar da personalidade psicopática detectável em adultos, presumivelmente, originar-se na infância, tendo o seu desenvolvimento acentuado durante a adolescência (Frick, 2009), o diagnóstico de psicopatia não é comumente realizado nas etapas iniciais do ciclo vital (Associação Psiquiátrica Americana, 2002). A compreensão e a pesquisa de traços latentes e características associadas à personalidade psicopática em populações jovens representa, portanto, um grande desafio aos pesquisadores e clínicos. A relevância desses estudos justifica-se através da perspectiva da psicopatologia do desenvolvimento (Salekin & Lochman, 2008) e sustentam a hipótese de que o funcionamento infantil pode ser conceituado em relação à estrutura de personalidade do adulto, e esta, a personalidade adulta, pode ser entendida em termos de seus antecedentes na infância (Caspi, Roberts, & Shiner, 2005). Cleckley (1941/1988), em seus estudos sobre psicopatia, já presumia que a origem do transtorno estava na infância ou na adolescência.

Os estudos empíricos que investigam traços de personalidade psicopática na infância e na adolescência são encontrados em número reduzido quando comparados com os que envolvem a população adulta, representando uma área incipiente ainda nos dias atuais (Frick & Marsee, 2006; Lynam, 2002; Neumann et al., 2006; Dadds, Jambrak, Pasalich, Hawes, & Brennan, 2011). Porém, a maioria desses estudos tem apontando um padrão de características precoces em jovens, similar ao observado em adultos com psicopatia, incluindo: ligações com violência, agressão, desajustes institucionais, reincidência criminal, abuso de substâncias, comportamento interpessoal desviante e

vínculos afetivos e apego deficitário com familiares e pessoas significativas (Forth et al., 2003; Neumann et al., 2006; Sevecke, Lehmkuhl, & Krischer, 2008).

Pesquisas contemporâneas demonstram que há distinções nos traços de psicopatia entre jovens que iniciam comportamentos antissociais ainda crianças e aqueles que os manifestam quando adolescentes. Somente um desses subconjuntos de jovens, o que apresenta reações antissociais desde a infância, mostra um nível persistente de conduta antissocial em toda a adolescência e idade adulta associada aos aspectos psicopáticos. (Frick, 2009). Há evidências que tais diferenças associam-se também com questões de gênero, demarcando ainda mais o valor das investigações sobre a personalidade psicopática não se focarem exclusivamente em aspectos comportamentais e ou criminais (Dolan & Völlm, 2009). Além disso, existem vários estilos diferentes de temperamento encontrados em jovens com problemas de conduta com início na infância, porém, apenas alguns seriam consistentes com o construto da psicopatia (Frick, 2009).

As investigações sistemáticas de traços de psicopatia em crianças e adolescentes são vitais para determinar sua trajetória e sua adaptação e fixação (ou ausência delas) na idade adulta. As pesquisas com a utilização de instrumentos de avaliação têm o mérito de permitir o desenvolvimento de critérios para a definição operacional da personalidade psicopática ampliando a definição e aplicabilidade do construto, bem como amparando tentativas de intervenções incipientes (Hare & Neumann, 2008). Nesse sentido, a utilização de instrumentos psicométricos reconhecidos e validados tem subsidiado estudos empíricos relevantes, trazendo à tona duas importantes questões pesquisa: (1) a necessidade de aferir a validade e confiabilidade das medidas existentes para fornecerem evidências da presença e desenvolvimento de características psicopáticas em populações jovens; (2) e se tais características refletem dimensões latentes do construto iguais às dos adultos.

No início dos anos 1990, o desenvolvimento da Escala de Psicopatia de Hare, o PCL (*Hare Psychopathy Checklist*; Hare, 1980) e sua versão revisada, o PCL-R (*Hare Psychopathy Checklist-Revised*; Hare, 2003) trouxe avanços teóricos e na pesquisa sobre a psicopatia, promovendo uma métrica comum na avaliação empírica do transtorno. A partir dessas escalas e suas demais versões, o PCL:SV (*Hare Psychopathy Checklist: Screening Version*; Hart, Cox, & Hare, 1995) e o PCL:YV (*Hare Psychopathy Checklist: Youth Version*; Forth et al., 2003) vem ocorrendo o desenvolvimento e validação de outros instrumentos que objetivam ampliar a compreensão da psicopatia, tanto em suas implicações clínicas quanto forenses. Entre esses instrumentos a Medida Interpessoal de

Psicopatia (*Interpersonal Measure of Psychopathy* [IM-P]; Kosson, Steuerwald, Forth, & Kirkhart, 1997) tem sido recomendada para o uso concomitante às escalas Hare, visando investigar, especificamente, o funcionamento interpessoal que se caracteriza como um elemento central da personalidade psicopática. Tanto o PCL:YV quanto a IM-P passaram por estudo de tradução/adaptação para o português do Brasil e estudo de confiabilidade interavaliadores com amostras brasileiras (Ronchetti, Davoglio, Salvador-Silva, Vasconcellos, & Gauer, 2010; Davoglio, Gauer, Vasconcellos, & Lühring, 2011).

No entanto, os estudos de validação de instrumentos psicométricos representam processo de longa duração, envolvendo diversas etapas e diferentes amostras populacionais, exigindo a integração de vários pesquisadores. Nessa perspectiva, é fundamental demonstrar que medidas de psicopatia apresentam validade transcultural (Cooke, Michie, Hart, & Clark, 2005). Por outro lado, considerando que qualquer medida psicométrica é em algum grau falível, sofrendo influências tanto das variáveis latentes quanto do erro das mensurações, as análises fatoriais (AFs) representam métodos estatísticos importantes para a melhor compreensão de um construto psicopatológico (Cooke, Michie, & Skeem, 2007).

Em outras palavras, conhecer a estrutura de uma medida psicométrica pode determinar maior clareza sobre o transtorno que esta se propõe a medir, aumentando a validade de construto e, ao mesmo tempo, permitindo a identificação das estruturas psicológicas ou processos fundamentais que o constituem. Torna-se possível também obter informações sobre as relações que se estabelecem entre as variáveis, isto é, se os diferentes elementos observáveis são resultado de uma tendência daquele transtorno ou, ao contrário, são reações sem conexão específicas com determinado construto e sem uma causa comum (Watson, Clark, & Harkness, 1994).

Portanto, muitas vezes, é possível que uma medida psicométrica seja composta por itens que não conseguem captar aspectos latentes fundamentais do construto (sub-representação); ou, ao contrário, captem outros aspectos latentes que não aqueles que são latentes para o construto analisado (variância irrelevante). Por exemplo, embora haja consenso na literatura sobre a validade das Escalas Hare para o construto da psicopatia, alguns estudos afirmam que as mesmas não são suficientemente adequadas para avaliar problemas de apego, *self* e estilo interpessoal, componentes essenciais da personalidade psicopática (Cooke, Michie, & Hart, 2006). Por outro lado, a partir dos estudos empíricos com medidas psicométricas se discute se a versatilidade criminal e alguns outros elementos

do comportamento antissocial, de fato, são fundamentais à personalidade psicopática ou representam variância menos relevante (Cooke, Michie, Hart, & Clark, 2004; Cooke et al., 2007). A análise dos fatores é, então, um dos caminhos possíveis para obter informações acerca de variáveis que devem ser adicionadas ou outras a serem removidas para melhorar a validade do construto (Little, Cunningham, Shalar, & Widaman, 2002).

É recomendável, assim, que instrumentos que se propõem a avaliar a personalidade psicopática em amostras jovens, como o PCL:YV e a IM-P, passem por sucessivas etapas de validação a fim de produzir evidências de validade substanciais para que possam ser considerados confiáveis para a utilização no contexto brasileiro, conforme recomenda a legislação (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2003). Este projeto consiste, portanto, na pesquisa que embasa a tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós Graduação da Faculdade de Psicologia (PPGP) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), envolvendo as análises fatoriais de dois instrumentos de avaliação da personalidade psicopática, o PCL:YV e a IM-P, com adolescentes sul-brasileiros em conflito com a lei.

É válido ressaltar que os pesquisadores consideram legítima a preocupação com a potencial má utilização de instrumentos como, por exemplo, os que esta pesquisa se propõe a validar, em especial quanto à rotulação e/ou exclusão do acesso à atenção integral ou terapêutica. O PCL:YV não deve ser um critério único para a tomada de decisões acerca do diagnóstico de jovens em desenvolvimento ou de qualquer prescrição relativa ao sistema de saúde ou judicial, sendo que o próprio manual técnico contraindica a utilização de um ponto de corte para a escala. Além disso, a responsabilidade do pesquisador em minimizar potenciais riscos de falsos positivos ou negativos é subsidiada pela quantificação dos itens do PCL:YV levando-se em conta um período substancial da vida do jovem e na familiarização dos avaliadores com o desenvolvimento normal da adolescência (Forth et al., 2003). Conforme ressaltam os autores da escala (Forth et al., 2003) a integração de informações originárias de uma variedade de fontes, e não apenas de uma ferramenta, proporciona um quadro mais compreensivo e ecologicamente válido a respeito do jovem. Além disso, há nas recomendações técnicas aos pesquisadores que utilizam ou supervisionam o uso deste instrumento uma série de pré-requisitos a serem seguidos, que incluem desde credencias profissionais apropriadas até meticolosos procedimentos de treinamento para a coleta e interpretação dos dados.

Revisão Teórica

Fundamentação Teórica da Análise Fatorial Exploratória e Confirmatória

A análise fatorial (AF) consiste em uma série de métodos estatísticos multivariados que têm por objetivo analisar um conjunto de dados correlacionados, não demandando pela definição de variáveis dependentes e independentes. Baseia-se na determinação de um conjunto de dimensões latentes, denominadas fatores, que buscam explicar as inter-relações entre as variáveis observadas, reproduzindo a maior parte das informações dessas variáveis em um pequeno número de fatores (Brown 2006; Lattin, Carrol, & Green, 2011). A interpretação dos fatores é realizada com base nas cargas fatoriais, cabendo ao pesquisador avaliar o que há em comum em cada conjunto de itens. A AF permite inclusive identificar quanto cada fator está associado a cada variável e quanto o conjunto de fatores explica a variabilidade geral dos dados originais. Desse modo, a escolha do número de fatores é uma das tarefas mais importantes de uma AF (Dancey & Reidy, 2006).

Assim, a AF se propõe a identificar qual conjunto de variáveis observadas estão correlacionadas, permitindo a construção dos fatores comuns, ou seja, as variáveis latentes. Porém, exige que duas condições sejam satisfeitas para que sua aplicação se justifique: a parcimônia (procura do modelo mais simples) e a interpretabilidade (solução coerente que tenha sentido para o pesquisador, com base na teoria).

A análise fatorial pode ser exploratória ou confirmatória. A análise fatorial exploratória (AFE) é utilizada para fins exploratórios ou descritivos, visando descobrir quais variáveis mensuradas são indicadores razoáveis das dimensões latentes e para determinar apropriadamente o número de fatores comuns que as representam. O caráter exploratório é devido ao fato de não haver restrições sobre os padrões de relações entre as variáveis observadas e latentes, pretendendo-se que os próprios dados sugiram a estrutura subjacente (Lattin et al., 2011). Então, na AFE várias soluções podem ser estimadas com número de elementos e tipos de rotação diferentes para descobrir o menor número de fatores interpretáveis necessários para explicar as correlações entre as variáveis (Brown, 2006). Dessa forma, é obtida a matriz de cargas fatoriais, ou seja, a matriz cujos valores representam as correlações entre as variáveis originais e os fatores comuns. Ainda que as

cargas variem em magnitude, cada fator é definido pela soma ponderada da carga de todas as variáveis. Além disso, utilizando-se as cargas fatoriais são também calculadas as comunalidades, isto é, a proporção de variância explicada pelos fatores comuns (Lattin et al., 2011).

Inicialmente, é necessário que a matriz de correlação seja testada para estabelecer sua adequação para as análises fatoriais. Em geral, utiliza-se a estatística Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), cuja adequação é tanto maior quanto mais próximo de 1 estiver o resultado, porém, resultados maiores que 0,5 podem ser considerados aceitáveis (Pereira, 2001). Quando $KMO < 0,5$ e $p > 0,05$ a matriz não se adequa a AF. Em seguida o pesquisador procede à escolha do método de extração dos fatores. Em geral, a escolha recai entre o método PCA (Análise de Componentes Principais; *Principal Components Analysis*) que é um modelo baseado na matriz de correlação original entre as variáveis, visando, sobretudo, a redução de dados; e o PAF (Técnica de Fator Principal; *Principal Axis Factoring*) o qual assume que os resultados são baseados em fatores subjacentes, mais indicado quando se pretende explorar os fatores comuns das variáveis observadas. Após a extração é necessário definir quantos fatores serão retidos pela rotação. O padrão da maioria dos pacotes estatísticos é manter todos os fatores com autovalor (*eigenvalue*) maior que 1, ainda que se questione a eficácia deste procedimento (Costello & Osborne, 2005).

Outra escolha do pesquisador na AFE diz respeito às soluções fatoriais, orientadas por um processo denominado rotação, a qual pode ser ortogonal ou oblíqua. Na rotação ortogonal os fatores rotados permanecem não correlacionados, sendo utilizado, em geral, o método VARIMAX. A rotação VARIMAX é focada nas colunas da matriz de cargas fatoriais, maximizando a variância das cargas das colunas. De modo diverso, a rotação oblíqua permite a correlação entre os fatores rodados, sendo em geral utilizada a solução PROMAX. É necessário, porém, notar que na rotação oblíqua há distinção entre carga fatorial da estrutura (ou seja, correlação entre uma variável e um fator) e uma carga fatorial padrão (ou seja, a correlação parcial entre uma variável e um fator comum controlado por outros fatores) (Lattin et al., 2011).

Segundo Hair e colaboradores (2005), quando o pesquisador opta por um número muito reduzido de fatores na AFE _ por conseguinte, na AFC_ há o risco de não identificar estruturas importantes que pode haver nos dados. Como regra geral, o pesquisador deve procurar um equilíbrio entre o número de fatores e a capacidade de interpretá-los.

Quanto ao tamanho amostral, há dois métodos para determinar o tamanho amostral, válido para análises fatoriais: a abordagem por item e a abordagem por parâmetros livres (Weaver, Meyer, Van Nort, & Tristan, 2006). A abordagem por item sugere a utilização de dez a quinze participantes por variável, recomendando, no mínimo, cinco participantes por número de variáveis, mantendo, inclusive, um número mínimo de observações nunca inferior a cem (Reis, 1997; Hair et al., 2005; Lattin et al., 2011). A abordagem por parâmetros livres recomenda de dez a vinte participantes por cada parâmetro a ser calculado no modelo, sendo esta uma abordagem mais conservadora e criteriosa.

Para testar a validade da estrutura fatorial obtida com o modelo exploratório, geralmente, recomenda-se a utilização de um conjunto diferente de dados, pois, pode haver influências das variações idiossincráticas da amostragem nos resultados (Lattin et al., 2011). Porém, há argumentos que enfatizam que para se julgar o ajuste, ou a falta dele, em novos dados é relevante primeiro testá-lo na mesma amostra em que derivou o modelo, sendo esta a melhor forma de descartar graves problemas metodológicos na extração dos fatores (van Prooijen & van der Kloot, 2001).

A análise fatorial confirmatória (AFC), por sua vez, é parte dos modelos de equações estruturais (*Structural Equation Models – SEM*) e visa analisar as relações entre um conjunto de indicadores ou variáveis observadas e uma ou mais variáveis latentes ou fatores. Esses indicadores podem ser, por exemplo, os itens de um instrumento e as pontuações obtidas pelos participantes (Brown, 2006). Nesse caso, marcando a diferença com a AFE, a teoria vem em primeiro lugar, sendo o modelo testado pela AFC definido a priori, derivando-se das evidências teóricas para confirmar sua consistência nos dados observados (Raykov, 1997). Desse modo, a aplicação das AFCs é bastante pertinente para: a avaliação psicométrica de instrumentos de medida; a determinação de sua estrutura latente; a validação de construtos, fornecendo evidências de validade convergente e discriminante; identificação de “*methods effects*”, isto é, quando há uma covariância que não é produto dos construtos subjacentes e sim resultado da covariância adicional entre as variáveis indicadoras, como ocorre em instrumentos que possuem alguma combinação de respostas em sentido contrário a algum item (Brown, 2006).

A AFC envolve diversas etapas, seguindo uma sequência de passos. De acordo com Ullman (2006), o primeiro passo consiste na especificação do modelo teórico ou estrutural, com base no qual é apresentada a hipótese a ser testada, identificando

estatisticamente o modelo e avaliando os pressupostos subjacentes ao mesmo. Tipicamente, as AFCs são apresentadas através de um diagrama de caminho (*path diagram*). Esses diagramas são úteis para compreender as relações entre variáveis, possuindo os seguintes símbolos (Brown, 2006):

- Variáveis latentes (fatores comuns ou dimensões): Chamadas ξ , são representadas por elipses ou círculos.
- Variáveis observadas (itens): Chamadas x , são representadas por retângulos ou quadrados.
- Erros (parte da variância da variável indicadora [item] não explicado pelo fator ou dimensão latente onde a variável está inserida/ fatores únicos que afetam aquela única variável): Chamados de δ , são representados por círculos.
- Setas retilíneas unidirecionais são usadas para indicar a relação de causa entre variáveis, onde a variável da base da seta “causa” a do outro extremo.
- Setas curvilíneas bidirecionais representam a covariância ou correlação entre variáveis latentes ou fatores comuns.
- Cargas fatoriais são representadas por λ_{ij}
- Covariância é representada por Φ

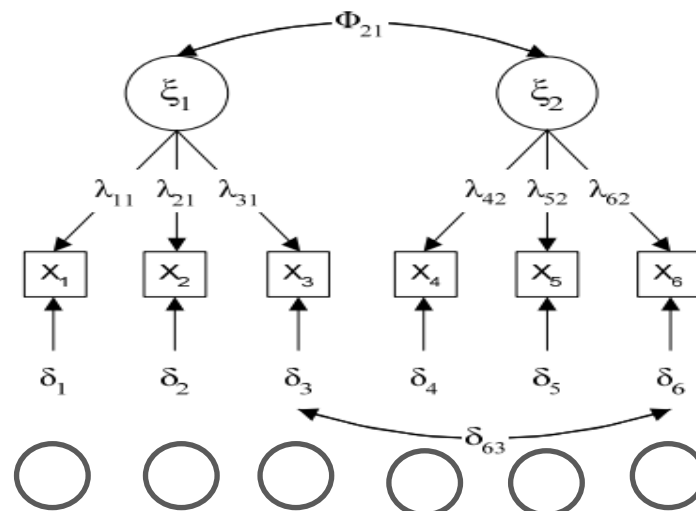


Figura 1 - Exemplo de Diagrama de Caminho. Fonte: Albright & Park, 2009

A título de exemplificação de um diagrama de caminho, pode-se observar na Figura 1 a presença de duas variáveis latentes ou fatores comuns, ξ_1 e ξ_2 , ambos representados por círculos. Elas são evidenciadas por meio das variáveis observadas x_1 a x_6 ,

representadas pelos quadrados. Setas retilíneas unidirecionais apontadas dos círculos para os quadrados representam a relação de causa entre duas variáveis, pois nas AFCs o pesquisador pressupõe que as variáveis latentes ou fatores “causam” as variáveis observadas. Um fator pode apontar para mais de uma variável observada, assim ξ_1 explica as três primeiras variáveis observadas e ξ_2 explica as outras três. Setas curvilíneas bidirecionais apontam correlações, sendo esperado que ξ_1 e ξ_2 estejam correlacionados e apresentem covariância representada por Φ_{21} . As cargas fatoriais são representadas por λ_{ij} onde, por exemplo, λ_{31} é o efeito (coeficiente de regressão) de ξ_1 sobre x_3 . Os círculos etiquetados por δ_i representam fatores únicos, pois eles são afetados somente por uma variável observada e incorporam toda a variância em cada x_i que não é capturada pelos fatores comuns, tal como a medida de erro. A correlação entre o erro na medida de x_3 com o erro na medida de x_6 aparece na seta curvilínea bidirecional representada por δ_{63} .

Outra etapa importante da AFC é a identificação do modelo. Um modelo é identificado quando sobre uma base de informação conhecida (a matriz de covariância amostral) é possível obter um único conjunto de parâmetros estimados para cada parâmetro do modelo cujos valores são desconhecidos. É necessário observar que o número de parâmetros a ser estimado não exceda o número de parâmetros conhecidos (valores da matriz de covariância) para o modelo de AFC. Diante disso, a partir dos dados observados, três possibilidades se apresentam onde o modelo pode ser: subidentificado, exatamente identificado ou superidentificado.

a) Modelo subidentificado (*underidentified*): O número de parâmetros desconhecidos (ou elementos da matriz de covariância) é maior que o número de parâmetros conhecidos (cargas fatoriais, covariâncias únicas e correlações entre erros da variável). De acordo com Harrington (2009), este modelo não tem solução porque há um número infinito de parâmetros que produz um ajuste perfeito.

b) Modelo exatamente identificado (*just-identified*): Possui igual número de parâmetros conhecidos e desconhecidos, onde o grau de liberdade é igual a zero, limitando a solução a um único conjunto de parâmetros que se ajusta perfeitamente e reproduz os dados. Na prática, não é um modelo informativo porque não permite testar o modelo.

c) Modelo superidentificado (*overidentified*): O número de parâmetros conhecidos da matriz de covariância é maior que o número de parâmetros a ser estimado. Esta diferença (df) representa os graus de liberdade positivando o modelo (df>0).

Segundo Brown (2006), alguns critérios devem ser respeitados na estimação dos parâmetros de um modelo de AFC, sendo, inicialmente, necessário que cada variável latente tenha uma escala de medida identificada. Levando-se em conta que as variáveis latentes não são diretamente observáveis e, portanto, não possuem um sistema métrico, a unidade de medida deve ser determinada pelo pesquisador. Há duas maneiras de determiná-la: especificando indicadores como marcadores, dando a mesma unidade de medida de uma variável indicadora para que a variância amostral passe à variável latente ou fixando a variância do fator latente no valor 1 (Harrington, 2009). Alguns *softwares* estatísticos oferecem automaticamente essa especificação.

O método de estimação dos parâmetros do modelo de mensuração é, então, o passo seguinte. O objetivo da AFC é obter estimativas para cada parâmetro do modelo de medida (ou seja, cargas fatoriais, variâncias e covariâncias fatoriais e dos erros de medida). Visa, assim, reproduzir a matriz de covariância predita ou populacional (representada por Σ), a qual é estimada a partir dos fatores obtidos no modelo em cada etapa do processo e comparada com a matriz amostral (representada por S). Para realizar o ajuste dessas estimativas são necessárias funções matemáticas que minimizem a diferença entre Σ e S . Estas funções são denominadas estimadores e a mais usada em AFC, e na metodologia de SEM em geral, é o estimador de Máxima Verossimilhança (ML). O estimador ML possui diversas propriedades estatísticas: fornece os erros padrões para cada parâmetro estimado, os quais são usados para testar a significância estatística dos parâmetros e a precisão das estimativas através dos intervalos de confiança; a função de ajuste é usada para calcular vários dos índices de qualidade de ajuste (Harrington, 2009). Porém, é importante utilizar outro estimador que não seja o ML na presença de variáveis categóricas ou com severa não normalidade dos dados, como o estimador de mínimos quadrados ponderados robustos ajustados pela média e variância (WLSMV), como o fornecido unicamente pelo *software* Mplus, consideram-se adequados valores abaixo de 0,90. A AFC usando variáveis categóricas precisa de uma grande amostra comparada aos modelos que usam variáveis contínuas, mas, alguns autores (Flora & Curran, 2004) apontam que usando o estimador WLSMV é possível ter bom desempenho com amostras menores (porém, acima de 100).

Após a especificação do modelo, um dos procedimentos indispensáveis para a avaliação da sua adequação é medir os principais índices de qualidade de ajuste. A AFC, então, tem a vantagem de permitir a verificação do ajuste do modelo aos dados empíricos, auxiliando o pesquisador na decisão de rejeitar ou manter o modelo definido previamente.

A literatura aponta que cada tipo de índice de qualidade do ajuste fornece informações diferentes e a aplicação de múltiplas medidas fornece mais critérios para avaliar a aceitabilidade do modelo proposto (Hair et al., 2005). Em geral, são aceitas três categorias de índices: índices de ajuste absoluto; índices de ajuste parcimoniosos; índices de ajuste comparativos ou incrementais (Brown, 2006). Quanto melhor o ajuste, mais próximo de zero será a diferença entre as correlações/covariâncias observadas (S) e aquelas estimadas com base no modelo (Σ).

Os índices de ajuste absoluto (*Overall Fit*) avaliam o grau de ajuste da matriz de covariância predita Σ à matriz de covariância amostral S , sem considerar outros aspectos. Classicamente é utilizado o teste qui-quadrado de ajustamento (χ^2), contudo, um valor alto nessa estatística conduz à rejeição da hipótese nula ($H_0: \Sigma=S$), significando que o modelo estimado não reproduz bem a matriz de covariância amostral, isto é, os dados não se ajustam bem ao modelo. Em contraste, um valor baixo desta estatística mostra que não é possível rejeitar H_0 e significa que existe um bom ajuste do modelo (Albright & Park, 2009). O χ^2 tem sido alvo de constante discussão quanto à influência do tamanho da amostra e à violação dos pressupostos do método de estimação. Assim, essa estatística sempre rejeitará H_0 se o tamanho amostral for grande e em pequenas amostras a chance de cometer um erro do tipo II (i.e., não rejeitar H_0 , quando em realidade é falsa) fica aumentada (Tanaka, 1993).

Há, no entanto, um índice denominado SRMR (*Standardized Root Mean Square Residual*; raiz quadrada média residual) considerado de ajuste absoluto, baseado na discrepância entre as correlações na matriz amostral e as correlações preditas pelo modelo. Considera, assim, as diferenças entre as covariâncias preditas e observadas. Para um modelo de ajuste ser aceitável, Brown (2006) afirma que quanto mais próximo de zero melhor, porém, Hu e Bentler (1999) recomendam um valor de corte próximo de 0,08.

Os índices de ajuste parcimonioso avaliam a parcimônia do modelo proposto em relação ao número de coeficientes estimados (ou, reciprocamente, os graus de liberdade) necessários para atingir aquele nível de ajuste, estimando quão bem os parâmetros do modelo reproduzem a covariância populacional. É uma medida que tenta corrigir a tendência da estatística χ^2 de rejeição a qualquer modelo especificado com uma amostra suficientemente grande. O RMSEA (*Root Mean Square Error of Approximation*; raiz quadrada média do erro de aproximação) é um índice de correção parcimoniosa, já que incorpora uma penalização pelo número de parâmetros estimados (expressos em graus de

liberdade), e, dessa forma, modelos complexos são penalizados por ter um ajuste pobre. Quando o modelo estimado reproduz exatamente as covariâncias populacionais então o RMSEA será igual à zero. Porém, segundo Brown (2006), valores próximos de 0,06 ou menores indicam um ajuste aceitável do modelo. Nessa classificação para o RMSEA há então quatro categorias possíveis: ajuste exato (0,00-0,05); ajuste bom (0,06-0,08; ajuste medíocre (0,08-0,10); ajuste pobre (>0,10).

Por sua vez, os índices de ajuste comparativo ou incremental avaliam o ajuste do modelo do pesquisador comparado com um modelo padrão (isto é, nulo ou independente, onde há apenas um fator, no qual não há correlação entre os erros de mensuração). Esse ajuste comparativo pode ser medido pelo CFI (*Comparative Fit Index*; índice de ajuste comparativo) podendo variar entre 0 e 1, onde valores próximos a 1 implicam um modelo bem ajustado. Outros índices comparativos são o TLI (*Tucker-Lewis Index*; índice de Tucker-Lewis) ou NNFI (Índice de Tucker-Lewis não padronizado). O TLI inclui uma função de penalização pela adição de mais parâmetros estimados e que podem não melhorar o ajuste do modelo (Brown, 2006). Ao contrário do CFI, o TLI é não normalizado, indicando que o valor pode cair fora da amplitude de 0 a 1. Porém, para Brown (2006) valores inferiores a 0,90 indicariam suspeitas de rejeição do modelo, e valores de 0,90 a 0,95 poderiam ser indicativo de um ajuste aceitável, tanto para o TLI quanto para o CFI.

Contudo, quando o modelo proposto não apresenta ajuste adequado, apesar dos índices de ajuste global sugerirem um ajuste aceitável, as relações entre variáveis indicadoras nos dados amostrais podem não ser reproduzidas adequadamente. Para se obter informações sobre as razões pelas quais o modelo ajusta os dados de forma tão deficiente, modificações podem ser calculadas para os parâmetros não incluídos no modelo. Nesse caso, duas estatísticas *_resíduos e índices de modificação_* são em geral usadas para identificar a perda de ajuste em um modelo de AFC (Brown, 2006). Os resíduos podem ser difíceis de interpretar porque são afetados pela métrica e dispersão das variáveis observadas. São considerados normais valores residuais entre -2 e 2, ou seja, não indicariam uma relação de subestimação ou superestimação entre as variáveis indicadoras.

Por outro lado, os índices de modificação evidenciam o quanto o qui-quadrado pode diminuir quando é incorporada alguma relação não considerada no modelo inicial. Ou seja, pode ser conceituado como a estatística qui-quadrado com um grau de liberdade. Assim, índices maiores ou iguais a 3,84 (valor crítico do qui-quadrado para $p < 0,05$, 1 gl)

sugerem que o ajuste do modelo pode ser melhorado. Como regra, um modelo bem ajustado deve produzir índices de modificação pequenos em magnitude, tendo-se o cuidado de não adicionar parâmetros em excesso e produzir modelos mais complexos do que o necessário.

Por fim, nas AFCs é indispensável à interpretabilidade dos parâmetros estimados, ou seja, se fazem ou não sentido dentro do modelo, avaliando ainda se a magnitude dos erros padrão é apropriada. Embora, erros padrões pequenos possam indicar precisão da estimativa do parâmetro, a significância do teste poderia não ser calculada se o erro padrão é próximo de zero. Por outro lado, erros padrões muito grandes sugerem pouca precisão das estimativas dos parâmetros devido à grande amplitude dos intervalos de confiança. Mesmo sem haver um guia para determinar quando a magnitude dos erros padrões é relevante, os problemas associados aos erros padrões podem indicar um modelo mal especificado, um tamanho de amostra pequeno ou o uso de um estimador impróprio (Brown, 2006).

Em síntese, as análises fatoriais permitem o refinamento de uma medida psicométrica identificando, a partir das variáveis manifestas, aquelas que são latentes, isto é, não diretamente observáveis, compondo os fatores. Pode-se assumir que as variáveis latentes são responsáveis pelos pensamentos, sentimentos e modos de comportamento típicos do construto e possíveis de serem medidos ou registrados pelos escores dos itens mais o erro (Edwards & Bagozzi, 2000).

Na atualidade, os estudos de análise fatorial com as escalas Hare evidenciam que dois modelos são considerados aplicáveis: o modelo de três fatores e o modelo de quatro fatores/facetos. Esses modelos tiveram como base as análises fatoriais iniciadas com o PCL, as quais deram origem a um modelo de dois fatores, contendo dezessete itens, pois, dois deles não se incluíram em nenhum fator (itens 11 e 17) e outro (item 20) era considerado específico para a quantificação dos atos criminosos. Assim, o modelo de dois fatores foi remodelado, por meio da pesquisa empírica e técnicas estatísticas, gerando um modelo de três fatores, contendo treze itens. Posteriormente, sendo mais uma vez editado, o modelo manteve a ideia dos dois grandes fatores, a partir de dezoito itens, os quais se dividiram em quatro fatores/facetos.

Desenvolvimento e Pesquisa dos Modelos Fatoriais para as Escalas Hare

O desenvolvimento teórico da personalidade psicopática ganhou vigor desde meados do século passado, coincidindo, não por acaso, com os avanços das metodologias de avaliação psicométrica. Instrumentos de avaliação específicos para investigar a personalidade psicopática foram construídos e, rapidamente, se tornaram fonte de dados na pesquisa empírica sobre o construto. Entre eles, destaca-se o PCL (Hare, 1980), baseado, substancialmente, no perfil clínico proposto por Cleckley (1941/1988). Em sua primeira versão, o PCL continha 22 itens voltados para a avaliação de aspectos de personalidade e comportamento típicos das estruturas psicopatas. Tais itens sofreram algumas modificações, a partir da experiência empírica, originando a versão revisada, o PCL-R (Hare, 2003). Nessa revisão foram ajustados critérios de pontuação ou excluídos alguns itens por indicarem baixas correlações nas análises estatísticas ou complexidade excessiva para a pontuação, visando o refinamento teórico-técnico do instrumento (Hare et al., 1990).

A versão corrente do PCL-R ficou, então, composta por 20 itens, a partir dos quais se desenvolveu a versão para uso em populações adolescentes, o PCL:YV (Forth et al, 2003). Ambos são considerados instrumentos padrão-ouro pelo *Buros Mental Measurements Yearbooks* (Acheson, 2005) para avaliação da personalidade psicopática, ainda que possam não capturar todas as nuances de um construto psicopatológico complexo como a psicopatia, pelo que, frequentemente, são alvos de críticas (ver Blagov et al., 2011).

As primeiras modificações realizadas no PCL-R para a aplicação em jovens (Forth, Hart, & Hare, 1990) referiam-se aos aspectos que diferem muito entre adultos e adolescentes típicos, tais como, a história laboral, as relações conjugais e o contato com o sistema jurídico-penal. Apresentada de início como uma “versão modificada” do PCL-R, para uso em pesquisa, eram aplicados nos adolescentes apenas dezoito dos vinte itens originais (excluindo os itens 9 e 17). Essas pesquisas levaram ao desenvolvimento de uma “nova” versão do PCL-R, focada em adolescentes, a qual considerava elementos típicos da faixa etária, como os vínculos familiares, as relações com os pares e a inserção na escola, gerando também novos títulos para os itens e novos critérios para a pontuação. Esta versão, posteriormente, denominada PCL:YV, manteve, vinte itens que apresentavam modificações nos títulos (itens 1, 3, 5, 6, 9, 10, 11, 13, 16, 18,19,20), nos critérios para pontuação (todos os itens) e nas descrições conceituais (itens 2, 7, 12, 14, 15, 17, 20) em

relação ao PCL-R. Tais exclusões e alterações dos títulos dos itens da primeira versão PCL para originar o PCL-R e o PCL:YV podem ser observadas no Quadro 1,

Quadro 1 - Comparativo das versões do PCL, PCL-R e PCL:YV

Itens PCL Versão Original (Hare, 1980)	Itens PCL-R (Hare, 1991,2003)	Itens PCL:YV (Forth et al., 2003)
1. <i>Glibness/superficial charm</i>	1. <i>Glibness/superficial charm</i>	1. <i>Impression management</i>
2. <i>Previous diagnosis as psychopath (or similar)</i>	2. <i>Grandiose sense of self worth</i>	2. <i>Grandiose sense of self-worth</i>
3. <i>Egocentricity/grandiose sense of self-worth</i>	3. <i>Need for stimulation/proneness to boredom</i>	3. <i>Stimulation seeking</i>
4. <i>Proneness to boredom/low frustration tolerance</i>	4. <i>Pathological lying</i>	4. <i>Pathological lying</i>
5. <i>Pathological lying and deception</i>	5. <i>Conning/manipulative</i>	5. <i>Manipulation for personal gain</i>
6. <i>Conning/lack of sincerity</i>	6. <i>Lack of remorse or guilt</i>	6. <i>Lack of remorse</i>
7. <i>Lack of remorse or guilt</i>	7. <i>Shallow affect</i>	7. <i>Shallow affect</i>
8. <i>Lack of affect and emotional depth</i>	8. <i>Callous/lack of empathy</i>	8. <i>Callous/lacking empathy</i>
9. <i>Callous/lack of empathy</i>	9. <i>Parasitic lifestyle</i>	9. <i>Parasitic orientation</i>
10. <i>Parasitic life-style</i>	10. <i>Poor behavioral controls</i>	10. <i>Poor anger tolerance</i>
11. <i>Short-tempered/poor behavioral controls</i>	11. <i>Promiscuous sexual behavior</i>	11. <i>Impersonal sexual behavior</i>
12. <i>Promiscuous sexual relations</i>	12. <i>Early behaviour problems</i>	12. <i>Early behavior problems</i>
13. <i>Early behavior problems</i>	13. <i>Lack of realistic, long-term goals</i>	13. <i>Lacks goals</i>
14. <i>Lack of realistic, long-term plans</i>	14. <i>Impulsivity</i>	14. <i>Impulsivity</i>
15. <i>Impulsivity</i>	15. <i>Irresponsibility</i>	15. <i>Irresponsibility</i>
16. <i>Irresponsible behavior as parent</i>	16. <i>Failure to accept responsibility for own actions</i>	16. <i>Failure to accept responsibility</i>
17. <i>Frequent marital relationships</i>	17. <i>Many short-term marital relationships</i>	17. <i>Unstable interpersonal relationships</i>
18. <i>Juvenile delinquency</i>	18. <i>Juvenile delinquency</i>	18. <i>Serious criminal behavior</i>
19. <i>Poor probation or parole risk</i>	19. <i>Revocation of conditional release</i>	19. <i>Serious violations of conditional release</i>
20. <i>Failure to accept responsibility for own actions</i>	20. <i>Criminal versatility</i>	20. <i>Criminal versatility</i>
21. <i>Many types of offense</i>		
22. <i>Drug or alcohol abuse not direct cause of antisocial behavior</i>		

Nota: Considerando que apenas o PCL-R está publicado na língua portuguesa do Brasil, todas as versões apresentadas no quadro estão no idioma original (inglês americano).

Apesar das modificações que originaram as novas versões, a literatura aponta que as mudanças introduzidas nos itens não alteraram a maioria das evidências psicométricas conhecidas e generalizadas a partir do PCL. Em termos de estrutura fatorial, as primeiras análises com o PCL, realizadas por Harpur, Hakstian e Hare (1988) demonstraram a existência de dois fatores latentes correlacionados, restando-se dezessete dos vinte itens. Hare e colaboradores (1990), aplicando esse modelo fatorial no PCL-R, chegaram a resultados similares: os itens 11 e 17 tiveram cargas fatoriais abaixo do limite estabelecido pelos pesquisadores (0,40) e, assim como o item 20, demonstraram-se inconsistentes na replicabilidade dos estudos, sendo, portanto, excluídos desse modelo fatorial. Assim o Fator1, ficou composto por oito itens (1,2,4,5,6,7,8 e 16), evidenciando traços afetivos e interpessoais da personalidade psicopática, relacionados à ausência de empatia e de responsabilidade, charme superficial, manipulação e egoísmo. O Fator 2, composto por nove itens (3,9,10,12,13,14,15,18 e 19), evidenciava questões comportamentais, tais como, impulsividade, comportamento antissocial ou desviante ou um estilo de vida errático. O modelo fatorial de dois fatores correlacionados para o PCL e PCL-R, com 17 itens, pode ser mais bem visualizado em um diagrama de caminho ilustrativo, como mostra a Figura 2.

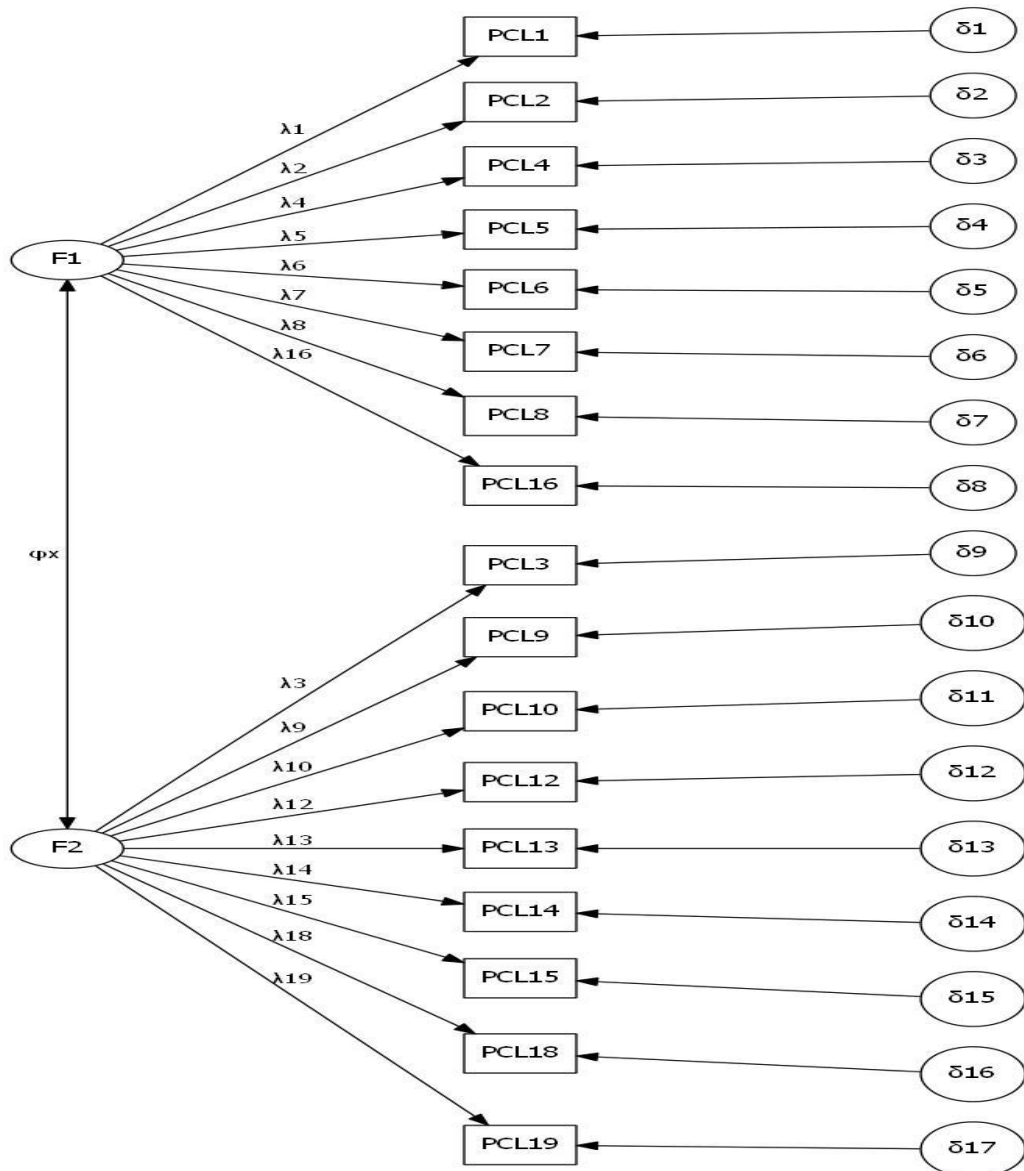


Figura 2 – Diagrama de caminho ilustrativo do modelo fatorial de dois fatores para as Escalas Hare, com 19 itens.

Ao longo do desenvolvimento das pesquisas empíricas, vários pesquisadores apresentaram críticas a esse modelo de dois fatores para as Escalas Hare. Cooke e Michie (2001), pioneiros nestas discussões, argumentam que a psicopatia seria mais bem descrita por um modelo hierárquico, composto por três fatores. Nesse modelo com três fatores latentes, a psicopatia representaria um construto superordenado, sustentado por fatores de primeira ordem, nos quais seis agrupamentos de itens (*testlets*) carregam em três fatores de segunda ordem, considerando aspectos interpessoais, afetivos e comportamento. Os fatores de segunda ordem carregam, então, em um fator de terceira ordem representado pela

psicopatia, esta compreendida como fator superordenado. Além disso, modelos que utilizam *testlets* exigem amostras maiores (Cooke et al., 2007). O modelo, no entanto, implica na exclusão de alguns itens que, supostamente, refletiriam aspectos antissociais (itens 10,12, 18,19 e 20), além de dois itens já reconhecidos como inconsistentes no modelo de dois fatores (itens 11 e 17). O modelo retém, assim, apenas treze itens das Escalas Hare, como ilustra a Figura 3.

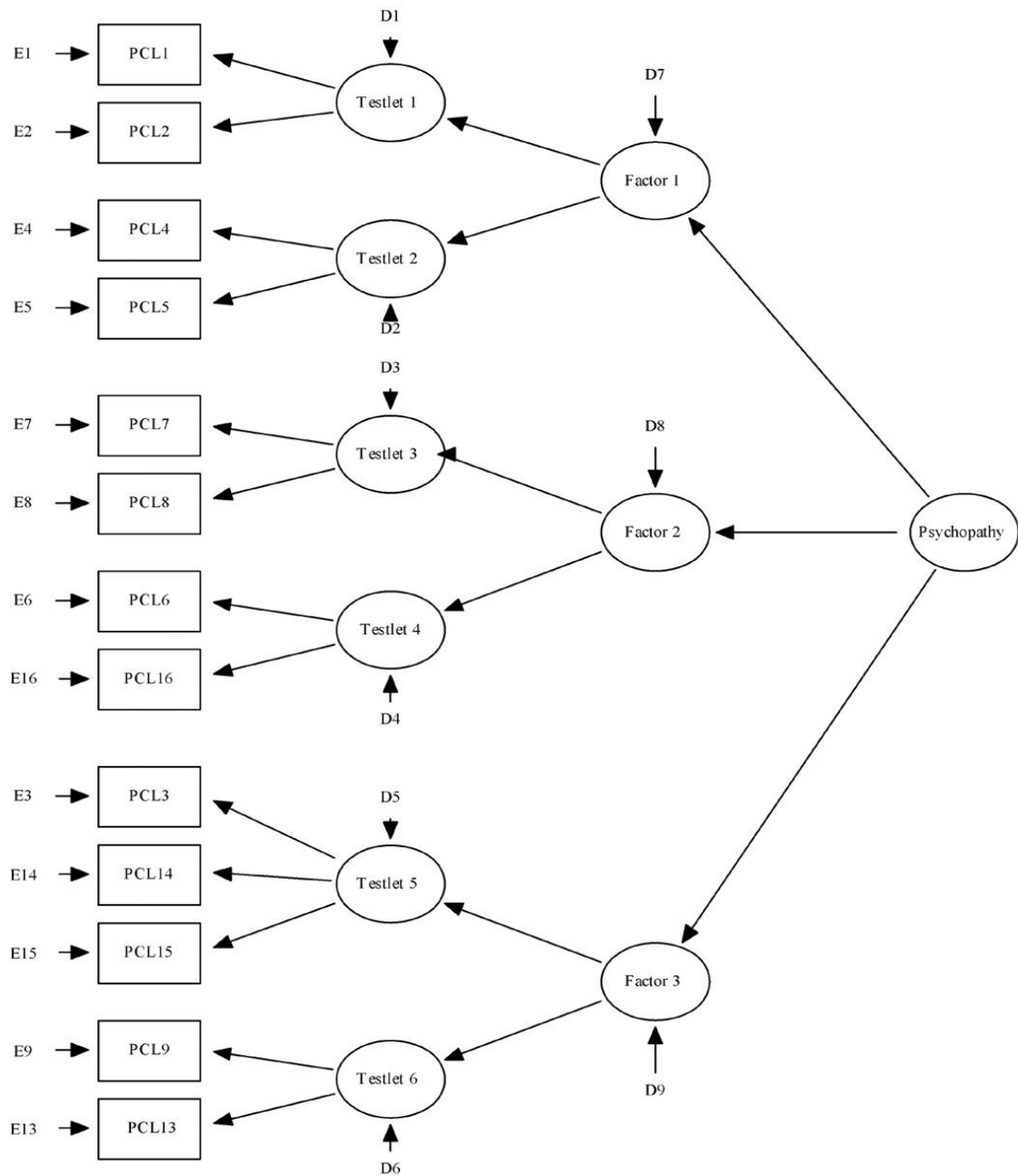


Figura 3 - Diagrama de caminho ilustrativo do modelo hierárquico de três fatores para as Escalas Hare, com 13 itens. Fonte: Cooke et al., 2007

No modelo estrutural de três fatores, então, o Fator 1 descreve um estilo interpessoal enganador e arrogante, incluindo desinibição ou charme superficial, egocentrismo ou um senso grandioso de autoestima, com uso de mentira, trapaça, manipulação e enganação ora benéfico próprio. O Fator 2 evidencia a experiência afetiva deficitária, com pouca capacidade para sentir remorso, culpa e empatia, “consciência” fraca, insensibilidade, afeto superficial e falha em aceitar responsabilidade pelas ações (utilizando-se de negação, desculpas, etc.). O fator 3 representa o estilo de comportamento impulsivo ou irresponsável, incluindo tédio, busca contínua por emoção, falta de metas a longo prazo, impulsividade, falha em pensar antes de agir e um estilo de vida parasita (dívidas, exploração de bens e capacidades alheias, hábitos de trabalho insatisfatórios, etc.).

Uma versão modificada do modelo de três fatores, omitindo os *testlets*, ou seja, permitindo que os itens carreguem diretamente sobre os respectivos fatores, preservando um modelo de segunda ordem, evidenciou bom ajuste em estudos mais atuais (Cooke et al., 2007; Kosson, Cyterski, Steuerwald, Newmann, & Walker-Matthews, 2002; Neumann, Kosson, Forth, & Hare, 2006). *Testlets* pressupõem que os itens da escala são associados para além do que pode ser explicado por meio da relação com o traço latente subjacente. Então, os itens se juntam para formar um conjunto a ser interpretado como algo que pode ser explicado “entre” a presença daqueles itens, combinado indicadores específicos para formar fatores de ordem superior, dentro da hierarquia dos traços de personalidade.

Porém, há estudos que sugerem que o modelo hierárquico que especifica em primeira ordem seis *testlets*, geraria um resultado não válido no PCL:YV (Kosson et al., 2002). Esse resultado estaria relacionado com problemas na estimação dos parâmetros associados aos *testlets*. Diante disso, um modelo conhecido como de “três fatores modificado”, que agora seriam fatores de primeira ordem que servem como indicadores para um fator único da psicopatia, agora de segunda ordem, vem se mostrando uma opção de estrutura fatorial para o PCL:YV que merece ser mais bem explorada (Neumann et al., 2006). A Figura 4 apresenta o diagrama de caminho desse modelo modificado.

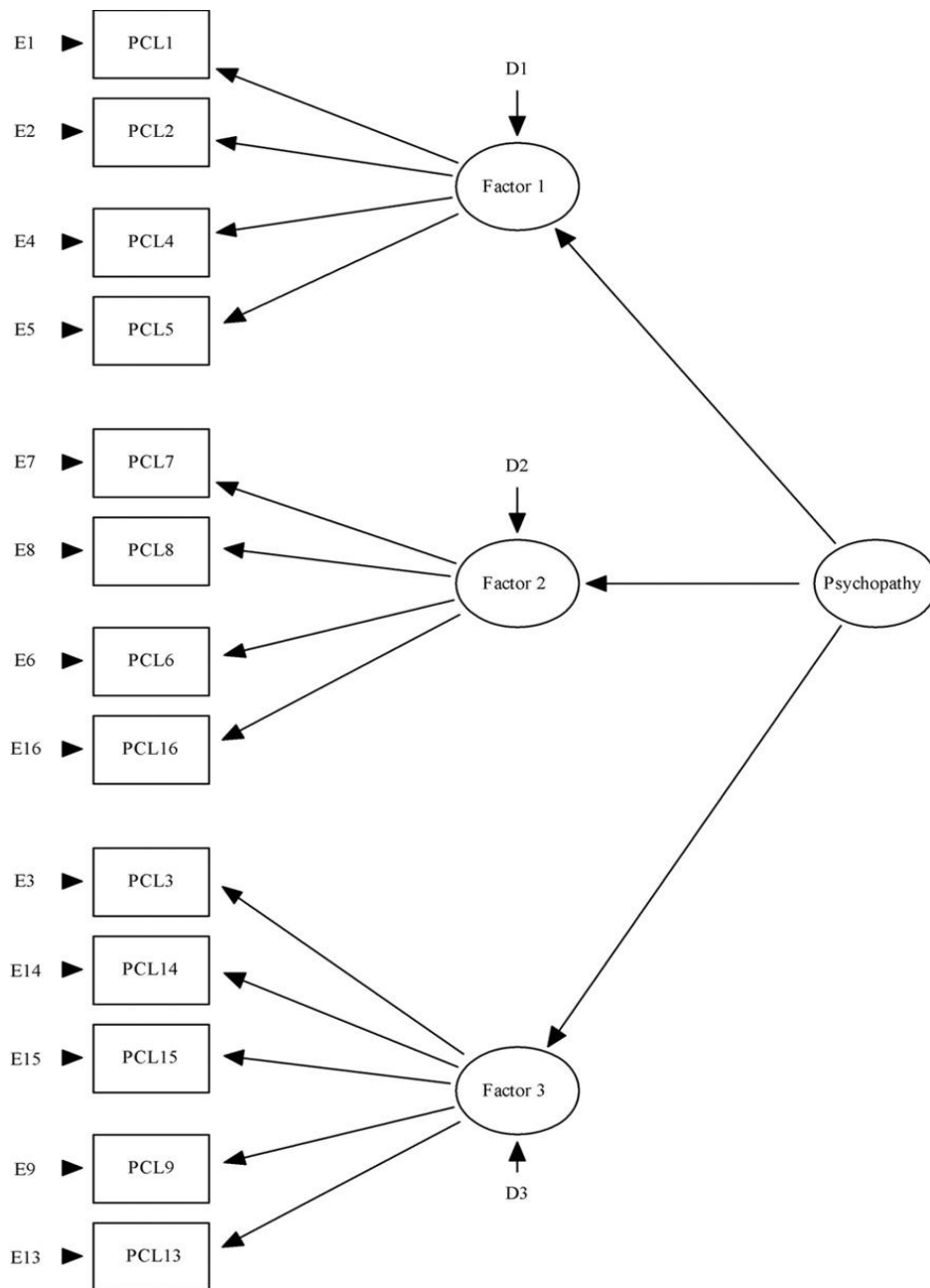


Figura 4 – Diagrama de caminho ilustrativo do modelo hierárquico de três fatores modificado (sem *testlets*). Fonte: Cooke et al., 2007.

Outra opção já conhecida é o modelo correlacionado de três fatores, que conserva os mesmos itens do modelo de Cooke e Michie (2001) em cada um dos fatores. Nesse modelo, os itens carregam diretamente sobre os três fatores que mantêm correlações entre si. O modelo foi apresentado com o PCL:YV por Forth e colaboradores (2003). O diagrama de caminho ilustrativo para o modelo é apresentado na Figura 5.

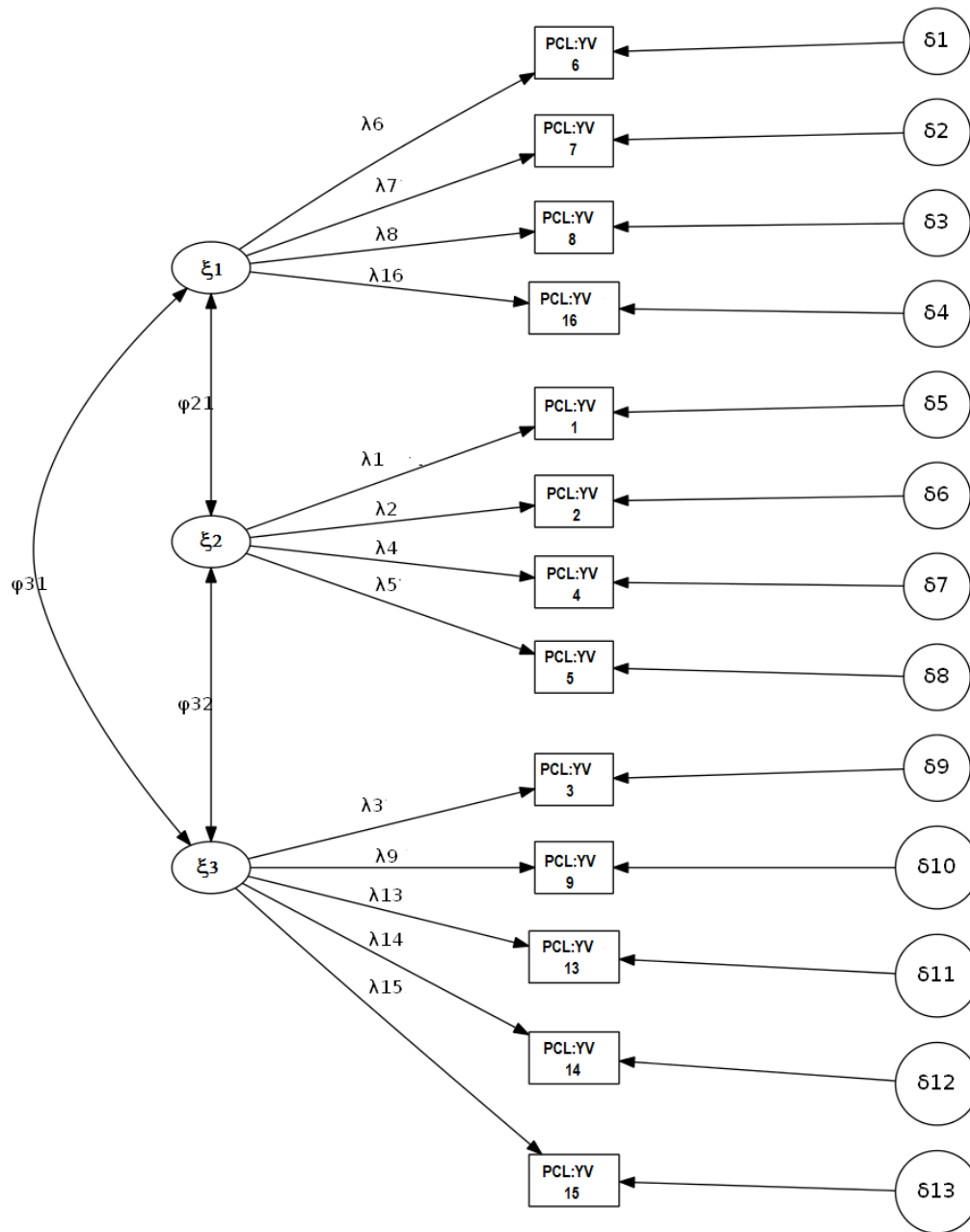


Figura 5 – Diagrama de caminho ilustrativo do modelo correlacionado de três fatores.

Fonte: Adaptado de Forth et al.,2003.

Por outro lado, além de apresentar as variações estatísticas já apontadas, o modelo de três fatores ancora as recentes discussões conceituais dirigidas à inclusão ou não da antissocialidade como um elemento intrínseco à personalidade psicopática (ver Hare & Neumann, 2010; Skeem & Cooke, 2010). A antissocialidade por si só demanda discussões conceituais, podendo ser entendida como distinta e mais ampla que a criminalidade (Hare & Neumann, 2010). De qualquer modo, para os defensores do modelo de três fatores, itens

supostamente descritivos da antissocialidade devem ser excluídos do modelo, pois, representam elementos correlacionados, um epifenômeno, e não uma característica essencial do construto. Pelo contrário, afirmam que nas origens conceituais da psicopatia tais comportamentos antissociais seriam consequência de traços psicopáticos, como a impulsividade e a ausência de empatia, que levaria a atuações criminosas sem a mensuração das suas repercussões (Skeem & Cooke, 2010)

Como alternativa aos modelos anteriores, em dissonância ao modelo de três fatores, foi proposto o modelo de quatro fatores/facetas que representam as duas dimensões da psicopatia, conhecidas como Fator 1 e Fator 2 (Hare 2003; Hare & Neumann, 2005). Alguns pesquisadores afirmam que o modelo de três fatores é incompleto para abarcar a extensão do transtorno, questionando também a metodologia para seleção dos itens excluídos (Vitacco, Rogers, Neumann, Harrison, & Vincent, 2005). Os pesquisadores que defendem o modelo de quatro fatores afirmam que a personalidade mantém forte relação com a desinibição da conduta. Além disso, enfatizam que os comportamentos antissociais ou criminais não são apreendidos pelo PCL como indicadores forenses em si, mas sim, como evidências que sustentam a forte motivação para transgredir regras estabelecidas (Hare & Neumann, 2010). Há estudos que apontam que o pobre controle dos impulsos e as tendências externalizantes e antissociais são importantes marcadores da psicopatia (Hare & Neumann, 2006). Nessa direção, o modelo de quatro fatores é visto como útil na pesquisa longitudinal para estudar o surgimento de tendências antissociais precoces e sua associação com as demais características da personalidade psicopática (Hare & Neumann, 2005).

Esse modelo fatorial proposto por pesquisadores liderados por Hare, que se popularizou sob a denominação de modelo de quatro fatores, propõe, então, quatro dimensões latentes para representar o construto de psicopatia: Interpessoal (itens 1, 2, 4 e 5), Afetiva (6, 7, 8 e 16), Estilo de Vida/Comportamental (itens 3, 9, 13, 14 e 15), e Antissocial (itens 10, 12, 18, 19 e 20). É importante ressaltar que os itens que compõem os três primeiros fatores em nada diferem nos modelos de três e quatro fatores, a não ser pela modelagem estatística subjacente, podendo ser correlacionada ou hierárquica. Além disso, a diferença na estrutura final dos dois modelos é decorrente da reinclusão dos itens antissociais excluídos no modelo precedente, formando o quarto fator, denominado antissocial. Essa quarta faceta/fator captaria a tendência ao envolvimento em comportamentos que são violentos ou ilegais. No entanto, não devem ser considerados isoladamente os aspectos afetivos, interpessoais, de estilo de vida e antissociais no

diagnóstico da psicopatia. Muitos estudos têm sido apresentados com pouca atenção a essas diferenças estatísticas e suas implicações nos resultados finais, gerando inclusive um grande volume de modelos derivados sem atenção criteriosa às diretrizes metodológicas que as análises fatoriais demandam (Cooke et al., 2007; Weaver et al., 2006).

Os autores do PCL:YV (Forth et al., 2003) recomendam que a decisão de incluir ou não a quarta faceta deve levar em conta a importância desses aspectos antissociais na rede nosográfica global que circunda a psicopatia, enfatizando a necessidade de se testar o modelo em outras amostras e contextos além dos que apoiaram o desenvolvimento do manual técnico da versão original da escala. O diagrama de caminho ilustrativo com o modelo de quatro fatores correlacionados é apresentado na Figura 6.

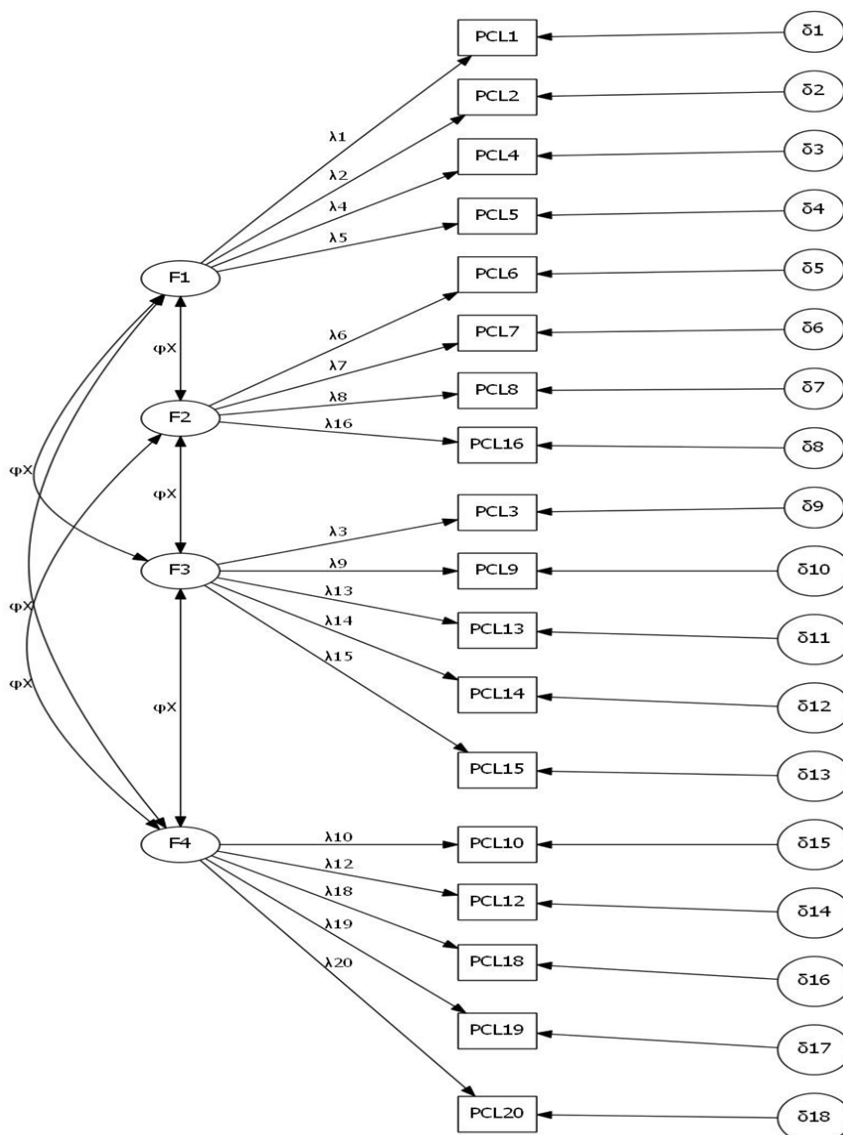


Figura 6 - Diagrama de caminho ilustrativo do modelo correlacionado de quatro fatores para as Escalas Hare, com 18 itens. Fonte: Adaptado de Hare, 2003.

A literatura ainda propõe um modelo parcelado de quatro fatores para as escala Hare (Forth et al., 2003; Neumann et al., 2006). Por meio da soma ou média de itens altamente correlacionados, são obtidas “variáveis” que supostamente ofereceriam maior confiabilidade e distribuição mais normal que os itens por si. Porém, os compostos são tratados como itens e não como *testlets*. As parcelas em modelos de equação estrutural são indicadores de um nível derivado da combinação de itens, que, neste caso, se agrupam em duplas ou trios, formando oito parcelas para carregarem diretamente sobre os quatro fatores, apresentados como correlacionados entre si. Assim, os itens foram convertidos em compostos através do cálculo da média: (a) 1 e 2, (b) 4 e 5; (c) 7 e 8, (d) 6 e 16, (f) 9 e 13 (g) 10 e 12, (h) 18, 19 e 20. Em seguida, os quatro fatores foram compostos por parcelas agrupadas: Interpessoal (a,b); Afetiva (c,d), Estilo de Vida (e,f) e Antissocial (g,h).

Há diversos argumentos teóricos para apoiar a oposição ao parcelamento e recomendando a verificação da dimensionalidade da parcela (Cooke et al., 2007). Na prática, contudo, o parcelamento não é indicado quando se pretende explicar inter-relações entre itens, pois, pode não revelar modelos mal especificados ou gerar perda de informações clínicas ou psicodinâmicas pela diluição da pontuação entre os itens. Assim, considerando que o propósito desse estudo é a validade de construto do PCL:YV, para o qual o parcelamento não é a modelagem mais indicada (Rogers & Schmitt, 2004), este modelo não foi testado.

Objetivos

Objetivo Geral

Obter evidências de validade, a partir de análises fatoriais, para dois instrumentos de avaliação da personalidade psicopática, o Inventário de Psicopatia de Hare:Versão Jovens e a Medida Interpessoal de Psicopatia, em amostra de adolescentes sul-brasileiros em medida socioeducativa de privação de liberdade.

Objetivos Específicos

- Realizar análises fatoriais exploratórias e confirmatórias do PCL:YV;

- Realizar análises fatoriais exploratórias e confirmatórias da IM-P;
- Comparar os resultados das análises fatoriais obtidos na amostra sul-brasileira com os resultados internacionais;
- Correlacionar os escores do PCL:YV e da IM-P a partir dos fatores obtidos nas análises fatoriais;
- Contribuir na produção de subsídios teóricos e empíricos sobre a personalidade psicopática.

Método

Esta pesquisa caracterizou-se como sendo de natureza quantitativa e delineamento transversal, de caráter descritivo e correlacional.

Amostra

A amostra total da pesquisa foi composta por 244 adolescentes masculinos em conflito com a lei. Todos os participantes foram entrevistados enquanto estavam internados em uma unidade da Fundação de Assistência Socioeducativa do Rio Grande do Sul (FASE/RS) da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS, cumprindo medida socioeducativa de privação de liberdade ou internação provisória, conforme preconiza a legislação brasileira (Brasil, 1990). Os dados foram coletados durante o período de 2008 a 2010 pelos pesquisadores e colaboradores que integram o grupo de pesquisa Avaliação e Intervenção em Saúde Mental do PPGP/PUCRS.

Critérios de inclusão utilizados

- Idade entre 12 e 19 anos;
- Estar cumprindo medida socioeducativa de privação de liberdade ou estar em internação provisória na FASE;
- Concordar voluntariamente em participar da pesquisa.

Critérios de exclusão utilizados

- Sinais/sintomas de quadros psicóticos ativos, retardo mental ou deficiência auditiva, clinicamente detectados ou descritos nos prontuários.

- Recusar-se a concluir a aplicação dos instrumentos, em qualquer etapa do processo.

Instrumentos

Inventário de Psicopatia de Hare: Versão Jovens (PCL:YV; Gauer, Vasconcellos, & Werlang, 2006): Consiste em um guia de entrevista, além do manual técnico e um formulário de preenchimento rápido, composto por 20 itens que investigam aspectos afetivos, interpessoais e estilo de vida, já traduzido para o português do Brasil. Os estudos brasileiros, embora incipientes, indicam confiabilidade interavaliadores satisfatória para o PCL:YV (Ronchetti et al., 2010). O instrumento é pontuado tendo em vista o funcionamento usual do adolescente desde a infância tardia/início da adolescência com exceção de um item que considera também o funcionamento anterior à primeira década de vida. Ou seja, não tem como foco apenas o funcionamento atual, mas sim o modo mais característico do sujeito (Forth et al., 2003). Cada item é pontuado em uma graduação de três pontos: zero (0) quando o item não se aplica ao adolescente porque as características não estão presentes, ou se apresentam no seu oposto, ou são inconsistentes com a intenção do item; um (1) quando o item se aplica parcialmente, mas não no grau requerido para um escore maior; ou quando há incerteza sobre a aplicação do item, ou há conflitos entre as fontes de informação que não podem ser solucionadas em favor de 0 ou 2; dois (2) quando item se aplica perfeitamente. Excepcionalmente, quando não há informações suficientes para pontuar um item a pontuação do mesmo pode ser omitida, mas as omissões nunca poderão exceder a cinco itens do total dos vinte. Nesse caso, para a obtenção da pontuação total é feito um cálculo adicional com base em tabela específica conforme o número de itens com pontuação omitida (Forth et al., 2003). O escore total também pode ser calculado com as pontuações provenientes dos escores fatoriais, no caso dos estudos acerca dos mesmos estarem disponíveis para o contexto da amostra, como é oferecido no Formulário rápido da versão original.

Medida Interpessoal de Psicopatia (IM-P; Vasconcellos, Davoglio, Ronchetti, & Gauer, 2008): Consiste em uma escala de 21 itens, projetados para avaliar uma variedade de interações interpessoais e comportamentos não verbais, durante uma entrevista com o participante. A entrevista individual e semiestruturada utilizada para a coleta de dados para o PCL-YV foi a que embasou também a pontuação da IM-P. Durante essa entrevista o

pesquisador-observador pontuou “às cegas” a IM-P, isto é, sem conhecimento prévio de resultados dos outros instrumentos, estes pontuados pelo pesquisador-entrevistador.

Para cada um dos vinte e um itens, o avaliador estima o número de vezes que a interação ou comportamento de interesse ocorreu durante a entrevista, considerando a consistência e intensidade com que se apresentam. Depois decide a pontuação do item marcando o que melhor descreve a atitude ou interação interpessoal entre o indivíduo e entrevistador: (0) não se aplica: quando o sentimento ou reação nunca ocorreu ou de maneira alguma era típica durante a interação; (1) aplica-se em parte: quando o sentimento ou reação era evidente até certo ponto ou raramente era apresentado; (2) aplica-se bem: quando o sentimento ou reação estava presente de modo significativo ou frequentemente apresentado durante sua interação; (3) aplica-se completamente: quando o sentimento ou reação era claramente evidente, apresentado de forma consistente e frequente. O escore total é obtido pela soma simples da pontuação de cada item. A IM-P já foi aplicada em amostras brasileiras jovens, em associação ao PCL:YV, revelando propriedades psicométricas de confiabilidade interavaliadores satisfatórias (Davoglio et al., 2011).

Procedimentos para Coleta dos Dados

Para a realização dos estudos que deram origem aos dados utilizados nesta pesquisa, antes de iniciar a coleta, os instrumentos foram traduzidos/adaptados para o português do Brasil, seguindo os procedimentos científicos recomendados (Ronchetti et al., 2010; Davoglio et al., 2011). Além disso, todos os pesquisadores envolvidos na pesquisa foram treinados por um dos autores do PCL:YV trazido ao Brasil para este fim. De acordo com as recomendações do manual técnico, neste treinamento os pesquisadores receberam informações e praticaram atividades com o objetivo de conhecer o construto, aplicar a entrevista semiestruturada, manusear a escala e pontuar os itens, identificando possíveis dificuldades e incoerências. Além disso, testes piloto com as versões traduzidas das escalas, em condições idêntica às reproduzidas na pesquisa, também foram realizadas antes da coleta que subsidiou os dados deste estudo.

O contato com os adolescentes em medida socioeducativa ocorreu nas dependências da unidade da FASE, seguindo o protocolo de visitas previamente combinado e autorizado com a Instituição. O adolescente foi convidado a participar da pesquisa, tomando conhecimento dos procedimentos, instrumentos, implicações e aspectos

éticos. Os instrumentos da pesquisa foram aplicados apenas nos adolescentes que atenderam aos critérios de inclusão e que concordaram em participar, assinando termo de consentimento livre e esclarecido.

O PCL:YV foi preenchido a partir de uma entrevista individual e informações colaterais a respeito aspectos não conclusivos durante a entrevista (obtidas, no caso, com os monitores institucionais, equipe técnica ou prontuários), visando à cobertura sistemática dos conteúdos relevantes para o construto da psicopatia. A entrevista seguiu um roteiro semiestruturado recomendado pelos autores da escala, abordando as rotinas e hábitos cotidianos, o ajustamento escolar, a história laboral, saúde, histórico clínico/psiquiátrico, vida familiar, relacionamentos sexuais e interpessoais, consumo de substâncias, atitudes consigo mesmo e com os demais, comportamentos antissociais e transgressores atuais e progressos. Além disso, quando para a pontuação dos dois instrumentos, o PCL:YV e a IM-P, a entrevista individual foi realizada em duplas de pesquisadores, um no papel de entrevistador, pontuando apenas o PCL:YV e outro no papel de observador, pontuando apenas a IM-P.

Procedimentos para Análise dos Dados

Diversas análises estatísticas foram realizadas a fim de explorar os dados obtidos, de acordo com os objetivos propostos. A validade interna do PCL:YV e da IM-P foi obtida por meio das análises fatoriais exploratórias (AFE) e confirmatórias (AFC). Adicionalmente, a validade externa foi apurada através de análises de correlação. O suporte técnico para essas análises foi realizado pelo Núcleo de Assessoria Estatística (NAE) do Departamento de Estatística do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O banco de dados recebeu tratamento estatístico preliminar a fim de ajustar eventuais itens ausentes/omitidos, tendo-se optado pela exclusão dos participantes com omissões na pontuação de qualquer dos itens das escalas. Seguindo as análises originais realizadas pelos autores (Forth et al., 2003), as AFEs do PCL:YV utilizaram a técnica de eixo principal (*Principal Axis Factorial* – PAF) e rotação PROMAX. Para a IM-P, foi replicado o estudo de AFE disponível (Vitacco & Kosson, 2010), o qual utilizou a análise de componentes principais, PCA, com rotação VARIMAX retendo os itens com carga

acima de 0,35. Foi utilizado para realizar as AFEs o *software* SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*).

Os modelos para as AFCs foram especificados de acordo com a literatura atual e as análises realizadas por meio do programa de modelagem Mplus, 6.1 (Muthén & Muthén, 2007), o qual vem sendo utilizado na maioria dos estudos internacionais das escalas Hare com amostras adolescentes (Forth et al., 2003; Salekin, Neumann, Leistico, & Zalot, 2004), amostras psiquiátricas adultas (Vitacco, Neumann, & Jackson, 2005), e adultos infratores (Vitacco & Kosson, 2010). O programa Mplus se apresenta como ideal para testar os modelos compostos por variáveis ordinais e categóricas, pois, utiliza o método dos quadrados ponderados para estimação de parâmetros e ajuste do modelo. Uma vantagem adicional do Mplus é que ele gera parâmetros no limiar dos itens quando os modelos contêm variáveis binárias ou ordinais. Esses parâmetros fornecem informações sobre a dificuldade ou a extremidade de cada item, enquanto que cargas fatoriais refletem o quão bem os itens são capazes de discriminar o traço latente entre indivíduos (Reise, 1999). No entanto, no Brasil, comumente, são utilizados outros softwares para AFC, sendo a utilização do Mplus uma solução estatística inovadora nesse contexto. O Mplus foi adquirido especialmente para o estudo, assim como foi previamente desenvolvido o tutorial para sua utilização.

Procedimentos Éticos

O presente projeto foi submetido à Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS (of. 015/2011 – Anexo A). Os estudos prévios que possibilitaram a coleta dos dados foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS (CEP 454/06; of.0934/07_CEP 07/03708; of.527/08_CEP 08/04142 – Anexo B) e à Comissão Científica (Anexo C). Esses estudos, portanto, fazem parte do projeto mais amplo sobre traços de psicopatia e instrumentos de avaliação já em andamento PPGP/PUCRS desde 2006, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Avaliação e Intervenção em Saúde Mental, sob a coordenação do Prof. Dr. Gabriel José Chittó Gauer. Os projetos já aprovados pelo CEP previam a utilização dos dados coletados para estudos de adaptação e validação dos instrumentos para a realidade brasileira, como as análises aqui propostas.

Além disso, a *Multi-Health Systems* (MHS), detentora dos direitos autorais do PCL:YV, também autorizou a utilização do instrumento para fins de pesquisa e validação

no Brasil (Anexo D). Já a IM-P foi concedida, diretamente por um dos autores¹, ao coordenador do grupo de pesquisa da PUCRS para sua utilização em amostras brasileiras. Também foram obtidas as autorizações junto aos responsáveis legais para o acesso aos adolescentes em medida socioeducativa internos na FASE (Anexo E) antes do início dos estudos que originaram os dados utilizados nas AFs.

Todas as coletas foram conduzidas de modo a interferir o mínimo possível nas rotinas institucionais da FASE, adequando-se os horários e frequência dos pesquisadores para tal. A participação do adolescente foi voluntária e confidencial, sendo que os dados coletados foram manuseados da forma mais sigilosa possível, estritamente pelos pesquisadores, preservando-se a confidencialidade das informações individuais. Maiores detalhes sobre todos os procedimentos de coleta podem ser obtidos diretamente nos estudos que originaram os dados que embasem as análises atuais (Ronchetti et al., 2010; Davoglio et al., 2011).

¹ Prof. Dr. David Kosson, da Rosalind Franklin University, Chicago, IL

II – ARTIGOS EMPÍRICOS

III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A validação de instrumentos psicométricos que visam auxiliar o diagnóstico de traços de psicopatia é de suma importância para os avanços na pesquisa sobre o construto, justificando as análises fatoriais propostas. A diferença substancial entre análises fatoriais exploratórias (AFEs) e análises fatoriais confirmatórias (AFCs) é o procedimento de solução fatorial adotado. Como demonstrou este estudo, nas AFEs os modelos são inferidos livremente, refletindo as peculiaridades que podem estar presentes nos dados, nem sempre reproduzíveis em amostras diferentes. Nas AFCs, os modelos são especificados com base nos conceitos teóricos e estruturais já consolidados, representando uma importante forma de validação de construto para os instrumentos, que pode refletir variações transculturais.

Nesta tese, os instrumentos submetidos às análises fatoriais demonstraram validade transcultural, ainda que os estudos não sejam conclusivos e apontem discrepâncias em alguns itens. Os resultados fatoriais do PCL:YV evidenciaram que os modelos de três e quatro fatores são viáveis com a amostra de adolescentes sul-brasileiros, embora se encontre uma sutil melhora nos índices de qualidade de ajuste para os modelos de três fatores, correlacionados ou hierárquicos. Para a IM-P, o propósito de testar o modelo fatorial já desenvolvido oportunizou a sugestão de melhoria no modelo, com o acréscimo de um novo fator, o qual representa uma possibilidade que deve ser debatida e aprofundada em novos estudos empíricos.

Contatou-se que as análises fatoriais, longe de serem apenas métodos objetivos, são profundamente dependentes das decisões do pesquisador, onde aspectos teóricos e conceituais são exigidos, mas também questões éticas se impõem com veemência. Muitos estudos de AFC omitem resultados de alguns índices enquanto privilegiam a divulgação de outros. Cada índice de qualidade de ajuste fornece informações diferentes e a aplicação de múltiplas medidas fornece mais critérios para avaliar a aceitabilidade do modelo proposto (Brown, 2006; Lattin et al., 2011). Nesse sentido, o pesquisador não pode selecionar índices a serem apresentados, o que levaria a destacar resultados favoráveis a um modelo em questão. Além disso, ajustar um modelo excluindo variáveis é uma medida extrema, que pode colocar em risco a capacidade de generalização da

solução fatorial encontrada, como também produzir reducionismos na compreensão do construto.

Acompanhando a literatura atual o que se evidenciou, de fato, é que há muitas opções fatorais para as Escalas Hare e poucas diretrizes solidamente sustentadas em aspectos metodológicos e estatísticos precisos. Um problema oriundo dessa diversidade metodológica é que muitas alterações vem sendo propostas sobre as bases estruturais dos modelos, repercutindo em aspectos conceituais. Percebeu-se, com frequência maior que a desejável, confusões ou pouco discernimento acerca das nuances implicadas em cada modelagem estatística subjacente ao modelo, podendo levar pesquisadores a generalizações ou conclusões precipitadas e, muitas vezes, equivocadas.

Por exemplo, que os modelos de três e quatro fatores hierárquicos e correlacionados podem não evidenciar grandes diferenças em termos de resultado estatístico, *per se*, nas análises fatoriais, o que vem sendo confirmado em estudos como esta tese, é fato. Isso é bastante relevante quando as análises são solidamente embasadas em pressupostos metodológicos. Porém, isso não significa que essas diferenças estatisticamente pouco expressivas nos índices de ajuste de qualidade do modelo, não impliquem em grandes diferenças do ponto de vista conceitual, repercutindo diretamente sobre questões etiológicas e clínicas.

Ou seja, há discussões que estão além do que os métodos estatísticos ou de que instrumentos específicos podem elucidar, ainda que estes ofereçam informações relevantes, reconduzindo o debate acerca das diferenças fatorais também para o campo teórico/conceitual, demandando por sua vinculação ao entendimento qualitativo e psicodinâmico. Nesse sentido, instrumentos como a IM-P são relevantes ao se focarem sobre elementos que se voltam para as manifestações sociais comuns da personalidade psicopática, afastando-a do campo “criminalizável”. Além disso, a pesquisa sobre questões etiológicas diversas, que abarcam desde fatores neuropsíquicos até relacionais, vem ganhando expressão e respeito no campo da psicopatia, o que deve ser incorporado ao conhecimento já existente.

É também relevante salientar que há poucas informações acerca do acesso ao treinamento formal, dos pesquisadores em geral, para a aplicação das escalas Hare nos estudos que subsidiam as análises estatísticas. Sabe-se que o treinamento é um pré-requisito para a confiabilidade de instrumentos de avaliação psicológica, que pode ter impacto sobre a pontuação dos itens e sobre as inferências realizadas a partir dessas

pontuações. Uma vantagem dos estudos que embasarem esta tese é que todas as coletas seguiram o padrão recomendado pelo manual técnico, sendo as entrevistas realizadas por pesquisadores qualificados e treinados para a utilização dos instrumentos. Especificamente em relação ao PCL:YV, como já enfatizaram os autores da escala (Forth et al., 2003), é fundamental a consideração aos critérios formais de definição de cada item para que sejam pontuados com adequação. Já a IM-P, embora tenha critérios menos rigorosos para o preenchimento, também demanda pela clara observação do que é a abrangência e o contexto exigido em cada item.

Embora existam estudos isolados para avaliar a estrutura fatorial das Escalas Hare, ainda é escassa a literatura com estudos integrados, especialmente, com o PCL:YV. Esta pesquisa representou o esforço para o avanço no desenvolvimento de metodologias sistemáticas e úteis para a investigação dos aspectos implícitos ou subjacentes à personalidade psicopática. Apesar da amostra apresentada ser restrita à região sul do Brasil e das limitações ao acesso às populações em que os instrumentos podem ser testados, cabe salientar que a coleta final deste estudo envolveu quatro vezes o número de adolescentes que uma unidade da FASE comporta em condições normais (60). Nisso, evidenciou-se a disponibilidade dos pesquisadores em não colocar o pragmatismo das coletas acima dos cuidados metodológicos.

Por outro lado, é certo que a pesquisa científica em ambientes forenses demanda não apenas por cuidados metodológicos típicos, mas também pela consciência de que seus resultados podem ter impacto muito maior do que pode ser previsto pelos pesquisadores. Desse modo, é imprescindível que os resultados oriundos desses estudos não sejam reduzidos a informações pontuais, desconectadas de todo o cenário em que se insere a psicopatia na atualidade (ver Davoglio, 2012). Assim, recomenda-se fortemente que a amostra deste estudo, composta por um grupo específico de jovens em conflito com a lei, seja encarada apenas como uma subamostra da população adolescente acessível à pesquisa e, de modo algum, como a população alvo a quem medidas de avaliação de traços de psicopatia se restringem.

Por fim, a recomendação que se impõe é para que nenhuma outra utilização seja dada a esses instrumentos, o PCL:YV e a IM-P, que não a avaliação com fins preventivos, beneficiando a identificação precoce de traços e sintomas ainda em construção, fomentando intervenções e políticas de saúde e justiça que sejam de fato eficazes e respeitosas à dignidade e ao desenvolvimento dos jovens. Esses são

instrumentos impossíveis de serem consideradas isoladamente, devendo ser utilizados como parte de um protocolo de avaliação psicológica e psicossocial mais abrangente e eticamente estruturado.

IV – REFERÊNCIAS

- Acheson, S.K. (2005). Review of the Hare Psychopathy Checklist-Revised. In: R.A. Spies, B.S. Plake (eds), *The Sixteenth Mental Measurements Yearbook*, pp. 429–43, 2nd ed. Lincoln, NE: Buros Inst. Ment. Meas.
- Albright, J.J. & Park, H.M. (2009). *Confirmatory Factor Analysis Using Amos, LISREL, Mplus, and SAS/STAT CALIS*. Working Paper. The University Information Technology Services (UIT) Center for Statistical and Mathematical Computing, Indiana University. Acesso em 20 julho de 2011, de <http://www.indiana.edu/~statmath/stat/all/cfa/index.html>
- Associação Psiquiátrica Americana. (2002). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais Revista – DSM-IV-TR*. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Blagov, P. S., Patrick, C. J., Lilienfeld, S. O., Powers, A. D., Phifer, J. E., Venables, N., Hudak, M., Herres, D.J., Lieb, K., Leigh, S. C. Garvin, & Cooper, G. (2011). Personality constellations in incarcerated psychopathic men. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 2(4), 293-315.
doi:10.1037/a0023908
- Brasil (1990). *Lei nº8.069/90: Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)*. Porto Alegre: Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. 77p.
- Brown, T.E. (2006). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research*. New York: The Guilford Press. 495 p.
- Caspi, A., Roberts, B. W., & Shiner, R. L.(2005). Personality development: Stability and change. *Annual Review of Psychology*,56, 453–484.
- Cleckley, H. (1988). *The mask of sanity*. 5ªed.St. Louis: Mosby. 484p. (originalmente publicado em 1941).
- Conselho Federal de Psicologia. (2003). *Resolução 002/2003*. Acesso julho/2010 de http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2003_2.pdf.
- Cooke, D. J., & Michie, C. (2001). The construct of psychopathy: towards a hierarchical model. *Psychological Assessment*,13,171 -188.

- Cooke, D. J., Michie, C., & Hart, S. D. (2006). Facets of clinical psychopathy: towards clearer measurement. In C. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 91–106). New York: The Guilford Press. 650p.
- Cooke, D. J., Michie, C., Hart, S. D., & Clark, D. (2005). Searching for the pan-cultural core of psychopathic personality disorder: Continental Europe and North America compared. *Personality and Individual Differences*, 39, 283–295.
- Cooke, D., Michie, C., & Skeem, J. (2007). Understanding the structure of the Psychopathy Checklist – Revised: An exploration of methodological confusion. *The British Journal of Psychiatry* 190, 39–50. doi: 10.1192/bjp.190.5.s39
- Cooke, D.J., Michie, C., Hart, S.D., & Clark, D.A. (2004). Reconstructing psychopathy: Clarifying the significance of antisocial and socially deviant behavior in the diagnosis of psychopathic personality disorder. *Journal of Personality Disorders*, 18, 337–357.
- Costello, A.B. & Osborne, J.W. (2005). Best Practices in Exploratory Factor Analysis: Four Recommendations for Getting the Most From Your Analysis. *Practical Assessment Research & Evaluation*, 10 (7), 1–9
- Dadds, M.R., Jambrak, J., Pasalich, D., Hawes, D., & Brennan, J. (2011). Impaired attention to the eyes of attachment figures and the developmental origins of psychopathy. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 52 (3), 238–245 doi:10.1111/j.1469-7610.2010.02323.x
- Dancey, C.P., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicólogos* Trad. Lorí Viali. Porto Alegre: Artmed.
- Davoglio, T.R. (2012). Avaliação psicológica, psicopatia e alteridade: alguns caminhos epistemológicos. Prêmio Avaliação psicológica na perspectiva dos direitos humanos. Brasília, Conselho Federal de Psicologia.
- Davoglio, T.R., Gauer, G.J. C., Vasconcellos, S. J. L., & Lühring, G. (2011). Medida Interpessoal de Psicopatia (IM-P): Estudo preliminar para o contexto brasileiro. *Trends Psychiatry Psychother*, 33(3), 147–155
- Dolan, M., & Völlm, B. (2009). Antisocial personality disorder and psychopathy in women: A literature review on the reliability and validity of assessment instruments. *International Journal of Law and Psychiatry*, 32, 2–9. doi: 10.1016/j.ijlp.2008.11.002

- Edwards, J.R., & Bagozzi, R.P. (2000). Sobre a natureza e a direção das relações entre os constructos e medidas. *Psychological Methods*, 5, 155-174.
- Flora, D. B., & Curran, P. J. (2004). An Empirical Evaluation of Alternative Methods of Estimation for Confirmatory Factor Analysis with Ordinal Data. *Psychological Methods*, 9, 654-657.
- Forth, A. E., Hart, S. D., & Hare, R. D. (1990). Assessment of psychopathy in young male offenders. *Psychological Assessment*, 2, 342-344.
- Forth, A. E., Kosson, D., & Hare, R. D. (2003). *The Hare Psychopathy Checklist: Youth Version*. Toronto, ON: Multi-Health Systems.
- Frick, P. J., & Marsee, M. A. (2006). Psychopathy and developmental pathways to antisocial behavior in youth. In C. J. Patrick (ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 353-374). New York: Guilford Press.
- Frick, P.J. (2009). Extending the construct of psychopathy to youths: Implications for understanding, diagnosing, and treating antisocial children and adolescents. *Canadian Journal of Psychiatry*, 12, 803-812.
- Gauer, G.J.C., Vasconcellos, S.J.L., & Werlang, B.G. (2006). *Inventário de Psicopatia de Hare: Versão Jovens (PCL:YV)*. Toronto: Multi-Health Systems Inc. (Tradução não publicada).
- Hair, J. F.Jr., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman,
- Hare, R. D. (1980). A research scale for the assessment of psychopathy in criminal populations. *Personality and Individual Differences*, 1, 111-119.
- Hare, R.D. (2003). *Manual for the Psychopathy Checklist-Revised*. Toronto, ON: Multi-Health Systems.
- Hare, R.D. (1991). *The Hare Psychopathy Checklist*. Toronto, ON: Multi-Health Systems.
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2005). Structural models of psychopathy. *Current Psychiatry Reports*, 7(1), 57-64.
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2006). The PCL-R assessment of psychopathy: Development, structural properties, and new directions. In C. Patrick (Ed.), *Handbook of psychopathy* (pp. 58-88). New York: Wiley.

- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2008). Psychopathy as a Clinical and Empirical Construct. *Annual Review of Clinical Psychology*, 4, 217–246.
doi:10.1146/annurev.clinpsy.3.022806.091452
- Hare, R. D., & Neumann, C. S. (2010). The role of antisociality in the psychopathy construct: Comment on Skeem and Cooke (2010). *Psychological Assessment*, 22(2), 446-454. doi:10.1037/a0013635
- Hare, R.D., Harpur, T.J., Hakstian, A. R., Forth, A. E., Hart, S. D., & Newman, J. P. (1990). The revised Psychopathy Checklist: Reliability and factor structure. *Psychological Assessment*, 2 (3), 338-341.
- Hare, R.D., & Neumann, C. S. (2005). Structural models of psychopathy. *Current Psychiatry Reports*, 7 (1), 57-64.
- Harpur, T. J., Hakstian, A. R., & Hare, R. D. (1988). Factor structure of the Psychopathy Checklist. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 56, 741-747.
- Harrington, D. (2009). *Confirmatory factor analyses*. 1ª ed. New York: Oxford University Press.
- Hart, S.D., Cox, D.N., & Hare, R.D. (1995). *The Hare Psychopathy Checklist: Screening Version*. Toronto, ON: Multi-Health Systems.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling*, 6, 1-55.
- Kosson, D.S, Cyterski, T.D., Steuerwald, B.I., Newmann, C.S., & Walker-Matthews. S. (2002). Reliability and validity of the Psychopathy Checklist: Youth Version (PCL:YV) in nonincarcerated adolescents males. *Psychological Assessment*. 14: 97-109.
- Kosson, D.S., Steuerwald, B.L, Forth, A.E., & Kirkhart, K.J. (1997). A new method for assessing behavior of psychopathic individuals: preliminary validation studies. *Psychological Assessment*, 9 (2), 89-101.
- Lattin, L., Carrol, J.D., & Green, P.E. (2011). *Análise de dados multivariados*. (Trad.H.Avristscher). São Paulo: Cengage Learning. 455p.
- Little, T. D., Cunningham, W. A., Shalar, G., & Widaman, K. F. (2002). To parcel or not parcel: exploring the question, weighing the merits. *Structural Equation Modelling*, 9, 151-173.

- Lynam, D. R.(2002). Fledgling psychopathy: A view from personality theory. *Law and Human Behavior*, 26, 255–259.
- Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (2007). *Mplus user's guide*. Los Angeles, CA: Muthén & Muthén.
- Neumann, C.S., Kosson, D.S., Forth, A.E., & Hare, R. D. (2006). Factor structure of the Hare Psychopathy Checklist: Youth Version (PCL: YV) in incarcerated adolescents. *Psychological Assessment* , 18 (2), 142-154. doi:10.1037/1040-3590.18.2.142
- Pereira, J.C.R. (2001). *Análise de dados qualitativos: estratégias metodológicas para ciências da saúde, humanas e sociais*. São Paulo: EDUSP.
- Raykov, T. (1997). Estimation of Composite Reliability for Congeneric Measures. *Applied Psychological Measurement*, 21,173-184.
- Reis, E. (1997). *Estatística multivariada aplicada*. Lisboa: Edições Silabo.
- Reise, M. (1999). Personality measurement issues viewed through the eyes of IRT. In S.Embretson & M.Reise (eds.). *The new rules of measurement* (pp. 219–242).New York: Erlbaum.
- Rogers, W. M., & Schmitt, N. (2004). Parameter recovery and model fit using multidimensional composites: A comparison of four empirical parceling algorithms. *Multivariate Behavioral Research*, 39, 379-412.
- Ronchetti, R., Davoglio, T.R., Salvador-Silva, R.S., Vasconcellos, S.J.L., & Gauer, G.J.C. (2010). Interamerican Journal of Psychology,44 (3),536-542. Acesso em 15 de abril de 2012 de <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=28420658017>
- Salekin, R. T., Neumann,C. S.,Leistico,A.M. R., & Zalot,A. A.(2004). Psychopathy in youth and intelligence: An investigation of Cleckley's hypothesis. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 33, 731–742.
- Salekin, R.T., & Lochman, J.E. (2008).Child and adolescent psychopathy: The search for protective factors. *Criminal Justice and Behavior*, 35,159-172.
- Salekin, R.T., Rosenbaum, J., Lee, Z., & Lester, W.S. (2009). Child and adolescent psychopathy: like a painting by Monet. *Youth Violence and Juvenile Justice*,7 (3), 239-255. doi:10.1177/1541204009333832

- Sevecke, K., Lehmkühl, G., & Krischer, M. (2008). Examining relations between psychopathology and psychopathy dimensions among adolescent female and male offenders. *Eur Child Adolesc Psychiatry*, 18, 85-95. doi:10.1007/s00787-008-0707
- Skeem, J.L., & Cooke, D.J. (2010). One measure does not a construct make: Directions toward reinvigorating psychopathy research - Reply to Hare and Neumann (2010). *Psychological Assessment*, 22 (2), 455-459. doi:10.1037/a0008512
- Tanaka, J.S. (1993). Multifaceted conceptions of fit in structural equation models. In K.A. Bollen, & J.S. Long (eds.), *Testing structural equation models*. Newbury Park, CA: Sage.
- Ullman, J. B. (2006). Structural equation modeling: Reviewing the basics and moving forward. *Journal of Personality Assessment*, 87(1) 35-50.
- Vasconcellos, S.J.C., Davoglio, T.R., Ronchetti, R., & Gauer, G.J.C. (2008). *Medida Interpessoal de Psicopatia*. (Tradução não publicada).
- van Prooijen, J.W. & van der Kloot, W.A. (2001). Confirmatory analysis of exploratively obtained factor structure. *Educational and Psychological Measurement*, 61, 777-792.
- Vitacco, M. J., Rogers, R., Neumann, C. S., Harrison, K., & G. Vincent. (2005). A comparison of factor models of the PCL-R with mentally disordered offenders: The development of a four factor model. *Criminal Justice and Behavior*, 32, 526-545. doi:10.1177/0093854805278414
- Vitacco, M.J., & Kosson, D.S. (2010). Understanding psychopathy through an evaluation of interpersonal behavior: Testing the factor structure of the Interpersonal Measure of Psychopathy in a large sample of jail detainees. *Psychological Assessment*, 22(3), 638-649. doi:10.1037/a0019780.
- Vitacco, M.J., Neumann, C.S., & Jackson, R.L. (2005). Testing a four-factor model of psychopathy and its association with ethnicity, gender, intelligence, and violence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 73, 466-476.
- Watson, D., Clark, L. A., & Harkness, A. R. (1994). Structures of personality and their relevance to psychopathology. *Journal of Abnormal Psychology*, 103, 18-31.
- Weaver, C. M., Meyer, R.G., Van Nort, J.J., & Tristan, L. (2006). Two, three and four-factor PCL-R models in applied sex offender risk assessments. *Assessment*, 13 (2), 208-216.

V – ANEXOS

Anexo A

Aprovação do projeto de doutorado pela comissão científica do PPGP/PUCRS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ofício 015/2011 – FCC


Porto Alegre, 15 de junho de 2011.

Senhor(a) Pesquisador(a)

A Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo intitulado "**Instrumentos de Avaliação de traços de personalidade psicopática em jovens brasileiros: evidências psicométricas**".

Sua investigação está autorizada a partir da presente data, sem a necessidade de passar pelo Comitê de Ética, devido a características específicas da pesquisa, explicitadas no parecer final.

Atenciosamente,





Prof. Dr. Adolfo Pizzinato
Coordenador da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia

Ilmo(a) Sr(a)
Orientador(a): Gabriel J. Chittó Gauer
Pesquisador(a): Tárzia Rita Davoglio

PUCRS
Campus Central
Av. Ipiranga, 6681 – P. 11- 9º andar – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 – Fax (51) 3320 – 3633
E-mail: psicologia.pg@pucrs.br
www.pucrs.br/psipos

Anexo B**Aprovações do Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS**

 **PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL**
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP - PUCRS 

Ofício 454/06-CEP Porto Alegre, 02 de maio de 2006.

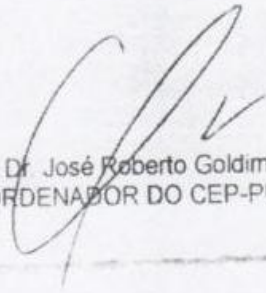
Senhor(a) Pesquisador(a)

O comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS
apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 06/03069, intitulado:
**Estudo de confiabilidade do PC-YV (Psychopathy Checklist - youth
version)".**

Sua investigação está autorizada a partir da
presente data

Relatórios parcial e final da pesquisa deve ser
entregue a este CEP.

Atenciosamente,


Prof. Dr. José Roberto Goldim
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Dr(a) Gabnel José Chittó Gauer
N/Universidade



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Ofício 0934/07-CEP

Porto Alegre, 16 de agosto de 2007.

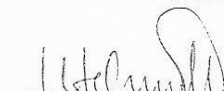
Senhor(a) Pesquisador(a):

Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS
apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 07/03708, intitulado:
"Avaliação psicológica e situação jurídico-penal de adolescentes".

Sua investigação está autorizada a partir da
presente data.

Relatórios parciais e final da pesquisa
devem ser entregues a este CEP.

Atenciosamente,


Prof. Dr. José Roberto Goldim
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)
Dr(a) Gabriel José Chittó Gauêr
N/Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 - 3º andar - CEP: 90610-000
Sala 314 - Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Ofício 527/08-CEP

Porto Alegre, 06 de junho de 2008.

Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 08/04142, intitulado: "Validação para o português (Brasil) do Inventário de Psicopatia de Hare: versão jovens (PCL:YV) - uma correlação com aspectos clínicos e psicossociais e uso de software para avaliação de traços afetivos".

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

Relatórios do andamento do protocolo deve ser encaminhada a este CEP

Atenciosamente,

Prof. Dr. José Roberto Goldim
COORDENADOR DO CEP-PUCRS


Ilmo(a) Sr(a)
Dr(a) Gabriel José Chittó Gauer
N/Universidade

PUC

Campus Central
Av. Itália, 650 - Fone: (51) 3320-3345
São 314 - Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/216.404007

Anexo C

Aprovações da Comissão Científica do PPGP/PUCRS para os estudos prévios que forneceram os dados



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ofício 060-2007 – CIHJ

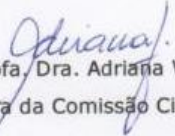
Porto Alegre, 23 de Novembro de 2007

Senhor(a) Pesquisador(a)

A Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo intitulado **"Estudo de fidedignidade e validade do PCL:YV (Psychopathy Checklist: Youth Version)"**.

Sua investigação está autorizada a partir da presente data, sem a necessidade de passar pelo Comitê de Ética, devido características específicas da pesquisa, e estar vinculada a um projeto maior previamente aprovado no Comitê de Ética da PUC-RS.

Atenciosamente


Prof.ª Dra. Adriana Wagner
Coordenadora da Comissão Científica da FAPSI

Ilmo(a) Sr(a)
Prof.ª Dra. **Gabriel Gauer** e Mestrando **Ramiro Ronchetti**
Faculdade de Psicologia
Nesta Universidade

PUCRS | **Campus Central**
Av. Ipiranga, 6681 – P. 11 – 9º andar – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3500 – Fax (51) 3320 – 3633
E-mail: psicologia-pg@pucrs.br
www.pucrs.br/psipos



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ofício 39/2008 – CIHJ

Porto Alegre, 29 de outubro de 2008.

Senhor(a) Pesquisador(a)

A Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo intitulado **"ESTUDO DOS ASPECTOS PSICOAFETIVOS E DAS INTERAÇÕES INTERPESSOAIS EM ADOLESCENTES INFRATORES BASEADO NO INVENTÁRIO DE PSICOPATIA DE HARE-VERSÃO JOVENS (PCL-YV)"**.

Sua investigação está autorizada a partir da presente data, sem a necessidade de passar pelo Comitê de Ética, devido características específicas da pesquisa, e estar vinculada a um projeto maior previamente aprovado no Comitê de Ética da PUC-RS.

Atenciosamente

Prof.^a. Dr.^a. Rochele Paz Fonseca

Coordenadora da Comissão Científica da Faculdade de Psicologia

Ilmo(a) Sr(a)

Prof. Dr. Gabriel José Chittó Gauer
Mestranda Tárzia Rita Davoglio

PUCRS

Campus Central

Av. Ipiranga, 6681 – P. 11- 9º andar – CEP 90619-900

Porto Alegre – RS - Brasil

Fone: (51) 3320-3500 – Fax (51) 3320 – 3633

E-mail: psicologia-pg@pucrs.br

www.pucrs.br/psipos

Anexo D

Autorização da MHS para o uso do PCL:YV



Multi-Health Systems Inc.

Publishers and Developers of Professional Assessment Materialswww.mhs.com

February 8, 2007

Dial: 1-800-456-3003 ext. 277

E-mail: lisa.sorensen@mhs.com

ATTN: Gabriel José Chittó Gauer
Pontificia Universidade Católica do Rio Grande de Sul
Faculdade de Psicologia
Avenida Ipiranga, 6681-Predio 11-9 andar sala 938
Jardim Bontânico, Rio Grande do Sul
Brasil

Dear Gabriel:

Please find enclosed one fully executed copy of your Adapting and Standardizing Agreement.

If you have any questions or concerns, please feel free to contact me directly at +1-416-492-2627 ext. 277.

Sincerely,

Lisa Sorensen
Translations and Contracts Administrator
Permissions and Licensing Department
Multi-Health Systems Inc.

Enclosures:

One Fully Executed Adapting and Standardizing Agreement

"Helping You To Help Others Since 1983"

In the U.S.:
P.O. Box 950
North Tonawanda, NY
14120-0950
Tel: 1-800-456-3003

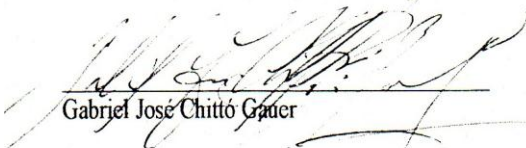
Fax: 1-888-540-4484 or 1-416-492-3343
International Tel: +1-416-492-2627

In Canada:
3770 Victoria Park A
Toronto,
M2H-3
Tel: 1-800-268-6

Any information or data compiled by you, including any special notes or circumstances shall remain your confidential information. However, MHS shall have the authority to check and share the data. MHS agrees to take reasonable security measures to safeguard the confidentiality of any information received from you in writing and marked as confidential.

TRANSLATOR:

I agree to the terms and conditions stated above and agree to abide by the terms and conditions of this contract and the attached Cultural Adaptation Policy.

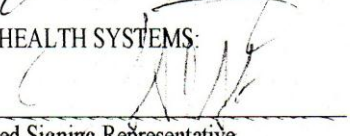


Gabriel José Chittó Gaucier

01.21.2007

Date

MULTI-HEALTH SYSTEMS:



Authorized Signing Representative

Feb 5/07

Date

Anexo E

Autorização para coleta de dados



SECRETARIA DO TRABALHO, CIDADANIA E ASSISTÊNCIA SOCIAL
FUNDAÇÃO DE ATENDIMENTO SÓCIO-EDUCATIVO DO RIO GRANDE DO SUL

DECLARAÇÃO

Eu, Liliane Gonçalves Saraiva, presidente da Fase-RS, declaro que conheço o projeto de pesquisa "Avaliação de traços de psicopatia numa amostra brasileira de adolescentes infratores através do inventário de psicopatia de hare: versão jovens (pcl:yv): uma avaliação da história criminal, correlação com aspectos clínicos e psicossociais e desenvolvimento de software para avaliação de psicopatia", coordenado pelo professor doutor Gabriel J. Chittó Gauer, e autorizo a coleta de dados nesta instituição, após aprovação do referido projeto pelos órgãos competentes.

Atenciosamente,

Liliane Gonçalves Saraiva
Presidente da Fase-RS

Porto Alegre 14 de maio de 2007.

Anexo F

Publicações e participações em eventos científicos sobre a temática da tese

1. Apresentação Oral. (2011). Estudos de fidedignidade da IM-P e validação convergente com o PCL:YV em jovens brasileiros. *V Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica*. Bento Gonçalves/RS.
2. Apresentação Oral (2010). Comportamentos Antissociais: Da realidade à clínica. *Seminário Juventude, criminalidade e psicopatologia: Desafios atuais*. Ordem dos Advogados do Brasil – OAB/RS.
3. Conferencista (2011). Avaliação da psicopatia e traços de psicopatia: Aspectos cognitivos, interpessoais e suas implicações jurídicas. *I Congresso Brasileiro e II Simpósio Sul- Brasileiro de Psicologia Jurídica*, Porto Alegre/RS.
4. Davoglio, T. R. (2011). Estudos de fidedignidade da IM-P e validação convergente com o PCL:YV em jovens brasileiros. *Anais V Congresso Brasileiros de Avaliação Psicológica*. Bento Gonçalves/RS.
5. Davoglio, T.R. (2011). Entre urtigas e diagnósticos em saúde mental: Ensaio sobre esquivas e enfrentamentos. *Revista Barbarói*,34,198-209.
6. Davoglio, T. R., & Argimon, I.I.L. (2010.). Avaliação de comportamentos antissociais e traços psicopatas em Psicologia Forense. *Avaliação Psicológica*, 9,111-118.
7. Davoglio, T. R, & Gauer, G.J.C. (2010). Avaliação Compreensiva do Transtorno de Personalidade Psicopática. *Anais VII Jornada da Pós Graduação em Psicologia: Construções da Pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre/RS: EDIPUCRS, p.128-30.
8. Davoglio, T. R., & Gauer, G.J.C. (2011). A pesquisa sobre a personalidade psicopática em jovens: Relevância e aspectos diagnósticos e conceituais. *Anais I*

Congresso Brasileiro e II Simpósio Sul-Brasileiro de Psicologia Jurídica. Porto Alegre/RS.

9. Davoglio, T. R., & Gauer, G.J.C. (2011). Adolescentes em conflito com a lei: aspectos sociodemográficos de uma amostra em medida socioeducativa com privação de liberdade. *Contextos Clínicos*, 4, 42-52.
10. Davoglio, T.R., Gauer, G.J.C. & Vasconcellos, S.J.L. (2010). Instrumentos para avaliação de traços de personalidade psicopática em amostras brasileiras jovens: Desenvolvimentos atuais. (Poster). I Encontro da Red Iberolatinoamericana de Investigación Y Docencia em Salud Mental Aplicado a lo Forense e I Jornada de Psiquiatria Forense do Instituto Psiquiátrico Forense Dr. Mauricio Cardoso. Instituto Psiquiátrico Forense Dr. Maurício Cardoso, Porto Alegre/RS.
11. Davoglio, T. R., Gauer, G.J.C., & Vasconcellos, S. J. L.(2011). Avaliação de psicopatia e traços de psicopatia: aspectos cognitivos, interpessoais e suas implicações jurídicas. *Anais I Congresso Brasileiro e II Simpósio Sul-Brasileiro de Psicologia Jurídica*. Porto Alegre/RS.
12. Davoglio, T. R., Gauer, G.J.C., Vasconcellos, S. J. L., & Lurhing, G. (2011). Medida Interpessoal de Psicopatia (IM-P): Estudo preliminar para o contexto brasileiro. *Trends Psychiatry Psychother*, 33(3),147-155.
13. Davoglio, T.D., & Mello, D. C. (no prelo). Agressão, delinquência e criminalidade: um enfoque sobre a realidade feminina. In G.J.C. Gauer; S.J.L Vasconcellos.; T.R Davoglio. (Orgs.). *Adolescentes em Conflito: Violência, funcionamento antissocial e traços de psicopatia*. Porto Alegre: Casa do Psicólogo.
14. Davoglio, T.R, Fernandes, D. F., Tolotti, M.D., & Gauer, G.J.C. (2011). Inventário de Psicopatia de Hare: Versões Jovens (PCL:YV): Estrutura Fatorial para amostra brasileira. *Anais do VIII Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento: A Psicologia do Desenvolvimento para a transformação da América Latina*. Brasília/DF.

15. Davoglio, T.R., & Benetti, S. P. C. (no prelo). Contribuições psicanalíticas para a compreensão do funcionamento antissocial. In G.J.C. Gauer; S.J.L Vasconcellos.; T.R Davoglio. (Orgs.) *Adolescentes em Conflito: Violência, funcionamento antissocial e traços de psicopatia*. Porto Alegre: Casa do Psicólogo.
16. Davoglio, T.R., Canazaro, D.M., Tolotti, M.D., & Gauer, G.J.C. (2011). Infância confinada ao cárcere: A percepção das mães apenadas e o desenvolvimento psicossocial das crianças. *Anais do VIII Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento: A Psicologia do Desenvolvimento para a transformação da América Latina*. Brasília/DF.
17. Davoglio,T.R., Tolotti,M.D., & Fernandes, D.F. (no prelo). Relações familiares e o funcionamento antissocial na infância e adolescência: proteção e risco. In G.J.C. Gauer; S.J.L Vasconcellos.; T.R Davoglio. (Orgs.) *Adolescentes em Conflito: Violência, funcionamento antissocial e traços de psicopatia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
18. Fernandes, D. F., Davoglio, T.R., & Gauer, G.J.C. (2011): Inventário de Psicopatia de Hare: Versão Jovens. Anais da IV Semana de Iniciação Científica e do I Semana de Tecnologia e Inovação da UFCSPA, Porto Alegre/RS.
19. Gauer, G.J.C., Vasconcellos, S.J.L., & Davoglio, T.R. (Orgs.) (no prelo). *Adolescentes em Conflito: Violência, funcionamento antissocial e traços de psicopatia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
20. Gauer, G.J.C., Davoglio, T.R., & Vasconcellos, S.J.L.(no prelo). Avaliação de traços antissociais em adolescentes: Perspectivas atuais. In G.J.C. Gauer, S.J.L Vasconcellos., T.R. Davoglio. (Orgs.). *Adolescentes em Conflito: Violência, funcionamento antissocial e traços de psicopatia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
21. Gauer, G.J.C., Davoglio,T.R., & Tolotti, M.,D. (no prelo). Comportamentos antissociais e questões diagnósticas: A propósito de um caso. In G.J.C. Gauer, S.J.L

- Vasconcellos., T.R. Davoglio. (Orgs.). *Adolescentes em Conflito: Violência, funcionamento antissocial e traços de psicopatia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
22. Ronchetti, R., Davoglio, T. R., Salvador-Silva, R., Vasconcellos, S. J. L., & Gauer, G.J.C. (2010). Inventário de Psicopatia de Hare: Versão Jovens (PCL:YV): Estudo preliminar em amostra adolescente brasileira *Interamerican Journal of Psychology*,44,536-542.
 23. Salvador-Silva, R., Davoglio, T.R., Kosson, D.S., Gauer, G.J.C., & Vasconcellos, S.J.L. (2012). Psicopatia e Comportamentos Interpessoais em Adultos: Um Estudo Correlacional. *Avaliação Psicológica*,11(2).
 24. Tolotti, M.D., Davoglio, T.R., Canazaro, D.M., & Gauer, G,J.C. (2011). Bebês na prisão. *Anais do XII Salão de Iniciação Científica da PUCRS*. Porto Alegre/RS.
 25. Tolotti, M.D., Davoglio, T.R., Gauer, G,J.C. (2011). Um novo método para avaliar a personalidade psicopática: Interpersonal Measure of Psychopathy (IM-P). *Anais da IV Semana de Iniciação Científica e do I Semana de Tecnologia e Inovação da UFCSPA*, Porto Alegre/RS.
 26. Premiação: Avaliação psicológica, psicopatologia e alteridade: Alguns caminhos epistemológicos. Artigo classificado em primeiro lugar, na modalidade individual, no “Prêmio Profissional Avaliação Psicológica na perspectiva dos Direitos Humanos”, promovido de Conselho Federal de Psicologia, pelo trabalho intitulado. Brasília: CFP, 24/03/2012.